

fato
e razão

6

Quando um novo número de FATO chega às suas mãos, ele é um anúncio vivo de que a afilada equipe que a produziu está num raro momento de tranquilidade.

Que dura pouco... é verdade.

Porque já vai chegando o tempo de coletar matéria nova para o número seguinte.

E tudo recomeça.

Depois da aflição inicial de elaboração e coleta de textos e fotos, a perplexidade diante do excesso de produção...

Como selecionar exatamente o que você espera da revista, misterioso leitor?

Nunca se pode prever como você vai recebê-la, se todo o trabalho de editoria reposar sempre na intuição dos editores...

O que ficaria melhor resolvido se você saísse desse espesso anonimato, por simples via postal.

Escrever cartas foi um hábito salutar no passado. Não valeria a pena restabelecê-lo?

Assim se tornaria possível ajustar a sua revista ao seu interesse.

O que é, aliás, o nosso próprio interesse, caro leitor.

S. & H.A.

fato e razão

icão Movimento Familiar Cristão

juipe de Redação deste número

José e Beatriz Reis
Selma e Helio Amorim

ervisão Técnica

IBRAF — Instituto Brasileiro da Família

te e Diagramação

Maria Cristina de A. Gonçalves

mposição

Sônia Moreira Bernardo

ordenação de Editoria e Distribuição

SENFOR — Secretariado Nacional de Formação — MFC
R. Des. Saul Gusmão, 80 - ZC-18 — Rio

lização

CONDIN — Conselho Diretor Nacional
Manoel e Elmira Santos
Ivan e Sonia Bastos
José e Lya Sollero
Angelo e Elizabeth Orofino

dução Gráfica

Armando Amorim Publicidade
Av. Pres. Vargas, 590 — s/2106 — Rio

SUMÁRIO

propriedade tem hipoteca social	2
"in minimis veritas"	5
quanto mais negra é a noite	10
a mulher de hoje	14
a mola mestra que nos move	18
sexualidade e fé	23
inversão do relato da criação	30
rango	33
quem sabe faz a hora	34
desideologização da igreja	42
a fábula da arca	46
o ambiente cultural e o casal	50
roteiros para reuniões	55
exigências novas da fé	56
a alegria do encontro	58
o diálogo da sexualidade	61
o segredo dos gestos e das coisas	64
libertação pela simplicidade	67
criar vida: um desafio	69
escreve o leitor	72

propriedade tem hipoteca social

JOÃO PAULO II AOS ÍNDIOS E CAMPONESES DA AMÉRICA LATINA

Amadíssimos irmãos, minha presença entre vós quer ser um sinal vivo e fervoroso desta preocupação universal da Igreja. O Papa e a Igreja estão convosco e vos amam: amam vossas pessoas, vossa cultura, vossas tradições; admiram vosso maravilhoso passado, estimulam-vos no presente e esperam tanto do futuro.

NÍVEL IGNÓBIL DE VIDA

Mas não vos quero falar apenas disso. Através de vós, camponeses e indígenas, aparece ante meus olhos essa multidão imensa do mundo agrícola, parte ainda predominante no continente latino-americano e um setor muito grande, ainda hoje, em nosso planeta.

Com Paulo VI quero repetir, se fosse possível com acento ainda mais forte em minha voz, que o atual Papa quer ser solidário com vossa causa, que é a causa do povo humilde, a da gente pobre: que o Papa está com essas massas da população "quase sempre abandonadas num ignóbil nível de vida e às vezes duramente".

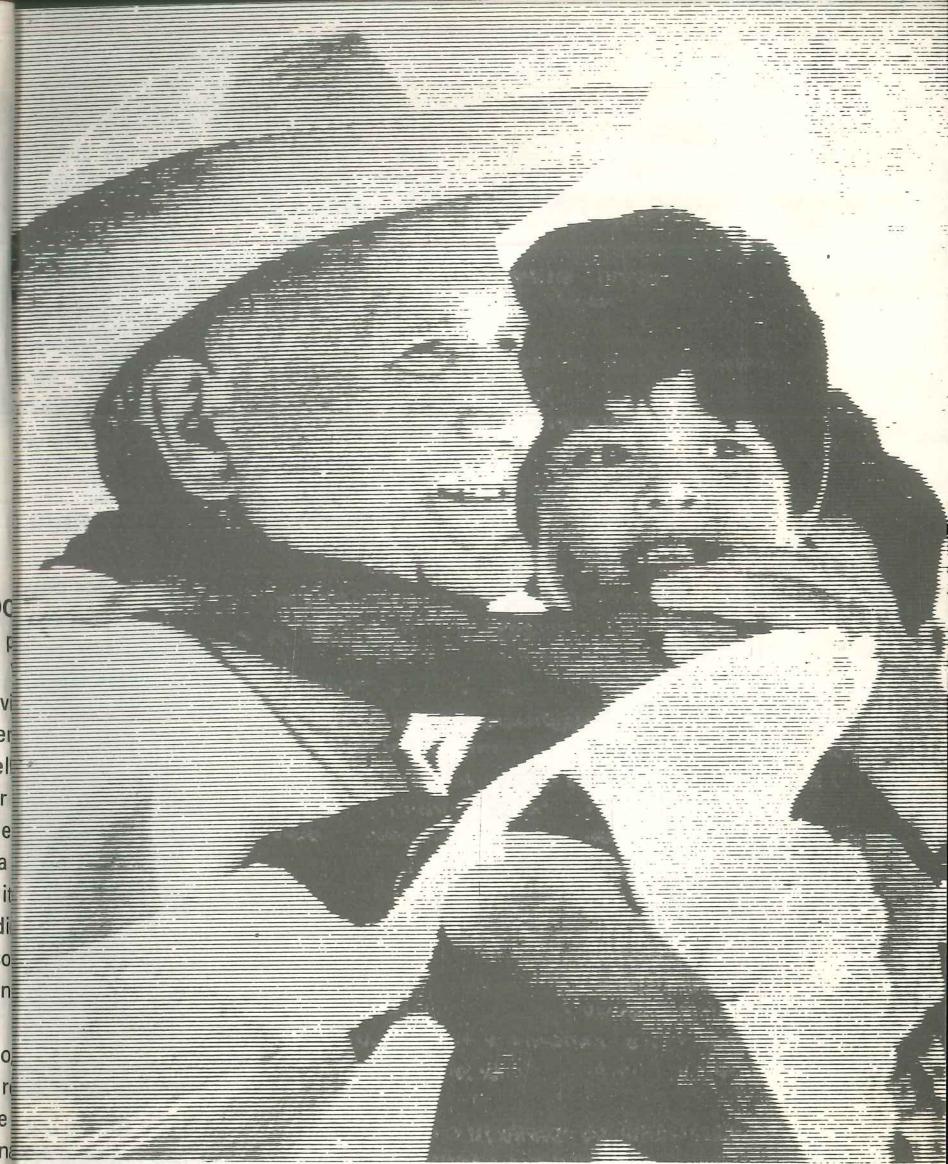
RECUPERAR O TEMPO PERDIDO

Fazendo minha a linha de meus predecessores João XXIII e Paulo — assim como a do Concílio, e em vista de uma situação que continua sendo alarmante, não muitas vezes melhor e às vezes ainda pior, o Papa quer vossa voz, a voz de quem não pode ouvir ou de quem é silenciado, para conscientizar das consciências, convicção, para recuperar o tempo perdido, que é frequentemente tempo de sofrimentos prolongados e de esperanças não satisfeitas.

O mundo deprimido do campo trabalhador que com seu suor responde também seu desconforto, não pode esperar mais que se reconheça plenamente sua dignidade não inferior à de qualquer outro setor social. Tudo rebentam seus melhores esforços de direito a que se lhe respeite e que promova, tem direito à ajuda eficaz — se o prive — com manobras que às vezes equivalem a verdadeiros saques — para que tenha acesso ao desenho pouco que têm; a que não se obviamente que sua dignidade de homens seja aspiração a ser parte em sem e filho de Deus merece. Os intoleráveis e contra os quais se deve empreender, sem mais delongas, reformas urgentes (*Populorum Progressio*, 32).

HIPOTECA SOCIAL GRAVA A PROPRIEDADE PRIVADA

Não se pode esquecer que as medidas a tomar devem ser adequadas. A Igreja defende o legítimo direito à propriedade privada, mas ensina com não



menos clareza que sobre toda propriedade privada grava sempre uma hipoteca social, para que os bens sirvam à destinação geral que Deus lhes deu. E se o bem comum o exige, não se deve ter dúvidas em relação à própria expropriação, feita na forma devida (*Popolorum Progressio*, 24).

O mundo agrícola tem uma grande importância e uma grande dignidade, é o que oferece à sociedade os produtos necessários para sua nutrição. É uma tarefa que merece o apreço e a estima agradecida de todos, o que é um reconhecimento à dignidade dos que dela se ocupam.

Uma dignidade que pode e deve acrescentar-se à contemplação de Deus, que favorece o contato com a natureza, reflexo da ação divina que cuida da herva do campo, a faz crescer, nutre e fecunda a terra, enviando a chuva e o vento, para que alimente também os animais que ajudam o homem, como vemos no princípio da gênese.

AÇÃO COORDENADA DOS CAMPO-NESES

O trabalho do campo comporta dificuldades não pequenas pelo esforço que exige, pelo desprezo com que às vezes é visto ou pelos obstáculos que encontra, e que só uma ação de longo alcance pode resolver. Sem isso continuará a fuga do campo para as cidades, criando frequentemente problemas de proletarização extensa e angustiosa, confinamentos em moradias indignas de seres humanos, etc.

Um mal bastante difuso é a tendência ao individualismo entre os trabalhadores do campo, enquanto uma ação coordenada e solidária poderia ser de não pouca ajuda. Pensai nisto, queridos filhos.

Apesar de tudo isto, o mundo, camponeses, possui riquezas humanas e religiosas invejáveis: um arraigado amor à família, sentido da amizade, ajuda ao mais necessitado, profundo humanismo, amor à paz e à convivência cívica, amor à Virgem Maria e tantos outros.

É um merecido tributo de reconhecimento que o Papa quer expressar-vos e do qual sois credores da sociedade: obrigado, camponeses, por vos valiosa contribuição ao bem social. Podemos sentir-nos orgulhosos de vossa contribuição ao bem comum.

A CULPA DAS CLASSES PRIVILIGIADAS

Como parte responsável dos povos, classes poderosas que às vezes mantêm improductivas as terras que escodem o pão que falta a tantas famílias, a consciência humana, a consciência dos povos, o grito do desvalido e, sobretudo a voz de Deus, a voz da Igreja repete comigo: não é justo, não humano, não é cristão continuar certas situações claramente injustas. É preciso pôr em prática medidas realistas eficazes, a nível local, nacional e internacional, na ampla linha marcada pela Encíclica *Mater et Magistra* (terceira parte), e é claro que quem mais deve colaborar nisso é quem pode.

Amadíssimos irmãos e filhos: traihai para vossa elevação humana. Tonai-vos cada vez mais dignos no molde do Ano Litúrgico, nos leva naturalmente a meditar sobre o sentido de ódio ou de violência, mas olhai para o Cristo, para o bom Senhor de todos, que dão a recompensa que se dão, na preparação para o Natal, nos levam a meditar sobre o sentido individual, para cada pessoa humana, da Encarnação.

A Igreja está convosco e anima-vos a viver vossa condição de filhos de Deus, unidos a Cristo, sob o olhar de Maria Nossa Mãe Santíssima.

“in minimis veritas”

Tristão de Athayde



visou, precisamente, traçar rumos para uma evangelização mais autêntica do nosso continente e, por extensão, da humanidade em geral, neste fim de século, nada de mais natural do que tomarmos as palavras pronunciadas pelo Papa João Paulo II, em sua primeira alocução, ao pisar e beijar o solo americano, em S. Domingos, como tema para esta meditação de cada um de nós, como membros do

A volta anual da Quaresma, no roteiro litúrgico do Ano Litúrgico, nos leva naturalmente a meditar sobre o sentido de ódio ou de violência, mas olhai para o Cristo, como a volta anual do Advento, na preparação para o Natal, nos levam a meditar sobre o sentido individual, para cada pessoa humana, da Encarnação.

Ora, no ano em que se realiza, em Puebla, uma assembléia espiritual que



Povo de Deus. Essas palavras foram tão importantes, que podemos reduzí-las, fielmente, a um verdadeiro decálogo. A premissa desse decálogo, nas palavras textuais do Pontífice (salvo os meus eventuais comentários), foi **Fazer este mundo mais justo**, o que significa, entre outras coisas:

1. “Esforça-se para que não haja crianças sem nutrição suficiente, sem educação, sem instrução, nem jovens sem a preparação conveniente”.

Conta-se que uma jovem mãe perguntou, ao seu confessor, quando devia começar a educação do seu primogênito. “Desde o primeiro dia em que ele nasceu”. A evangelização começa do berço. E foi aos berços, às crianças e aos adolescentes, que João Paulo II se dirigiu, antes de tudo. Como podem ser levados milhões desses prediletos de Cristo a viverem futuramente a Sua mensagem, quando passam a infância

6

sem leite, sem pão, sem teto, sem roupas decentes, sem possibilidade, rafavelas e nos cortiços, de receber educação, instrução ou preparação conveniente? Para ir às almas é preciso passar pelos corpos. Essa é a primeira advertência desse decálogo da evangelização dos povos da nossa América Latina, em 1979.

2. “Que não haja camponeses sem terra para viverem e se desenvolverem dignamente”.

Um dos fenômenos mais universais da civilização consumista e tecnológica é o êxodo do campo para as cidades. Por que isso simples comemoração histórica. Vão esse êxodo? Porque estas não são exigências da própria natureza recém pão e teto à maioria desses homens. É um reconhecimento realista quanto ao campo, tão pouco, lhes oferece terra própria para a cultivarem. É a exigência da economia, baseada na sujeira do Capital, leva, inexoravelmente, para uma reformista, à existência de trabalhadores, agrários, somos logo taxados de subversão mais maltratados como os temidos e comunistas. É a mais pura mentira do cativeiro (ou nos gabinetes se saram cristã que reclama pão e teto das torturas policiais), mas para as crianças das cidades, assim como hoje “diminuídos em seus direitos”, até de greve, quando não as forciam contra as leis inférreas.

4. “Que não haja sistemas que permitam a exploração do homem pelo homem ou pelo Estado”.

A Igreja não patrocina este ou aquele regime político ou econômico, mas não aceita qualquer um. Condena formalmente aqueles que levam a consequências inumanas, seja qual for a sua denominação sociológica. Este decálogo completa admiravelmente a fórmula marxista que condena “a exploração do homem pelo homem”, propondo uma fórmula que condena a exploração do homem pelo homem e pelo Estado.

5. “Que não haja corrupção”.

Advertência muito adequada a todo regime político fechado e secretista. Mas também aos que se abrem.

6. "Que não haja quem tenha muito de sobra, enquanto outros, sem culpa, estejam em falta".

É esse, precisamente, o vírus que levou à decadência do capitalismo e a sua condenação histórica, que já Paulo VI denunciara ao apontar para "os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres". O regime político e econômico que a Igreja e o bom senso recomendam será aquele que tornar os ricos cada vez menos ricos e os pobres cada vez menos pobres. Não é utopia, é dever moral, político e econômico. E até teológico, se não considerarmos a teologia como uma ciência puramente especulativa.

7. "Que não haja tanta família mal constituída, desfeita, desunida ou insuficientemente atendida".

O primeiro desses males atinge, de modo preeminente, a chamada alta so-

ciedade burguesa. O segundo, isto. Evangelizar é, antes de tudo, fazer o atendimento insuficiente, afetística, econômica e política. Os ró-famílias proletárias ou necessitados estão desmoralizados. Como o da As desordens morais e econômicas amosa "civilização ocidental e cristã". famílias, na vida contemporânea, gem sobretudo os extremos da esocial, as que têm de sobra e as têm de menos.

8. "Que não haja injustiça e desig-

dade na repartição da just. Como os rótulos estão desmoraliza-
Que não haja ninguém sem os, não basta chamar de democracia
paro da lei e que haja ampas regimes da verdade e do direito e
todos por igual".

É hoje corrente o humor negrial é praticar os bons regimes e elimi- fórmula "todos são iguais peranl ou maus. A Igreja não é teocrática. lei, mas uns são mais iguais las tão pouco indiferente aos regimes outros". Ou então aquele das prisolíticos ou econômicos nem aliada "onde não se vê ninguém de gra uma classe social. Hoje se volta es- e colarinho". A justiça cara e demencialmente para as classes oprimidas, da, a justiça dos ricos e poderoso serem as maiores vítimas de siste- face da "justiça" dos pobres e dessas sociais iníquos. E nesses sistemas, tegidos, é outro sinal do anticristianisquer que sejam, condona suas mo de uma sociedade que se diz onseqüências anti-humanas. Isso não

é usurpar funções do Estado e sim cumprir sua própria função de defesa das liberdades e dos direitos humanos. Só reivindica o território da verdade e do direito e o distingue dos da força e da violência.

10. "Que não prevaleça jamais o polí- tico e o econômico sobre o huma- no".

Esse o autêntico humanismo que libera o ser humano das servidões que o impedem de procurar "ser o que ele é", segundo a velha sentença tomista. Humanismo moral, humanismo econômico, humanismo político, humanismo total. É o que prega a mensagem de Cristo, tão admiravelmente sintetizada nesse decálogo. Querer impedir essa dimensão e essa intervenção social da Igreja e dos fiéis, sob pretexto de purismo espiritual, é farisaísmo e traição da verdade. É "olhar para trás" (Luc. 9, 62).

quanto mais negra é a noite...

D. Helder Câmara

A IGREJA HOJE

Fundamentalmente, a Igreja é a mesma, porque no seu fundador ela é divina. Agora, ela é entregue à nossa fraqueza humana. E o que houve de fundamental nesses anos, além das encíclicas papais que já vinham alertando, além das várias experiências que foram ocorrendo, como, por exemplo, o movimento litúrgico, o movimento da ação católica, foi a grande revolução — emprego esta palavra no seu melhor sentido — foi a surpresa de Deus com a chegada de João XXIII e o Vaticano II. Em menos de cinco anos, o Santo Papa João XXIII acelerou uma extraordinária mudança na Igreja. Sobretudo nesta linha de fazer com que cada vez mais a Igreja prefira servir a ser servida. Esta para mim é uma das

marcas essenciais. É a Igreja que pretende, que deseja ser, que precisa ser servidora de todos, mas especialmente dos pequenos, dos humildes, dos oprimidos que hoje são dois terços da manidade.

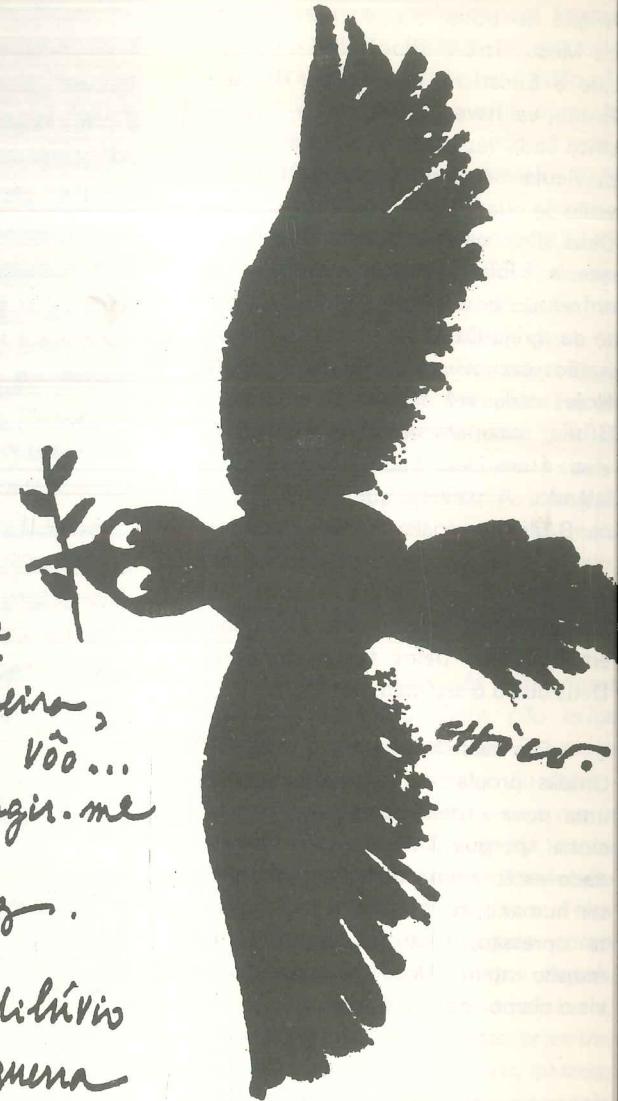
A MARCHA DA IGREJA

— Não tenho receio quanto à marcha da Igreja porque, apesar de estar entregue às nossas fraquezas humanas, ela é de Cristo. E é conduzida pelo Espírito Santo. Participo plenamente da visão de João XXIII: para mim a Igreja está vivendo uma hora de primavera. E cito vários exemplos:

— Primeiro, pelo aspecto litúrgico. Já pensou o que é a gente celebrar

vencaram-me
ramo de oliveira,
azôs de meu Vô...
visaram impingir-me
outro ramo
e prendo-paz.
e desabri,
em meio ao dilúvio
de ódio e de guerra
e mare crescenti,
inórios que cultivam
áveias de verdade,
embolos férreos
paz verdadeira...

+ Helder Câmara

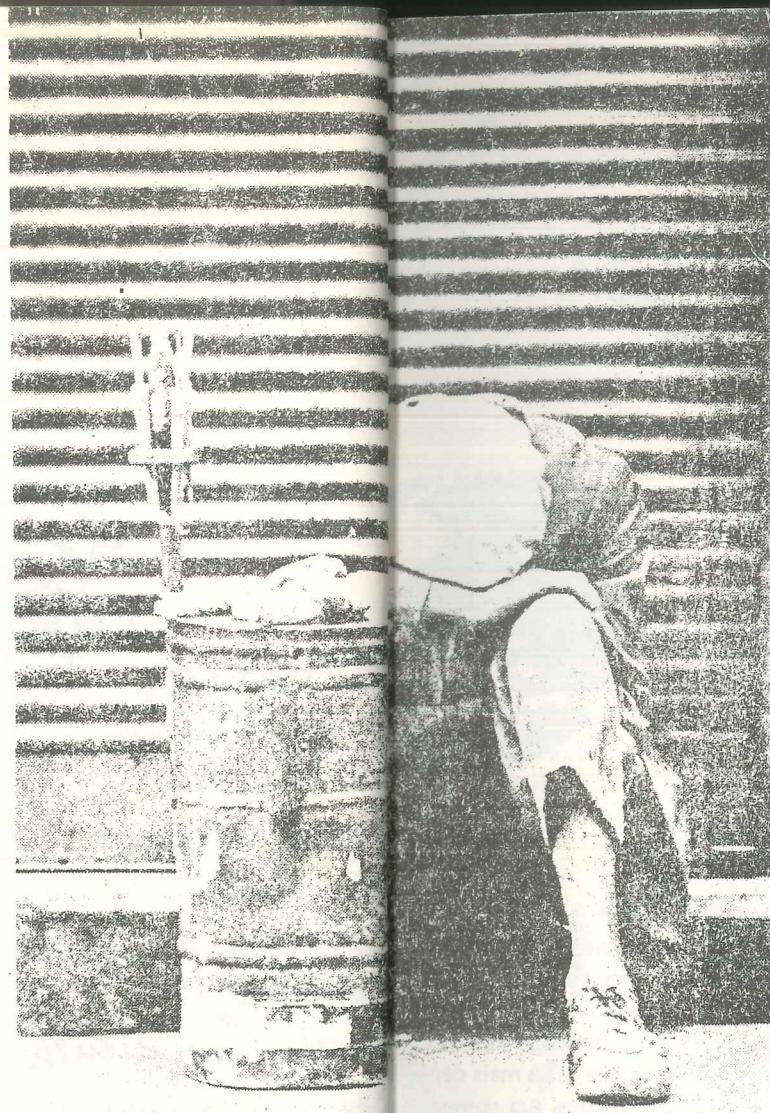


Iíngua do povo, o povo participando da Missa? Isso é importantíssimo porque a Eucaristia é o centro da vida. Então, vai haver consequência. Depois, sinto cada vez mais, e isto se acentuou particularmente no Vaticano II, está a visão de que Deus falou e a palavra que Deus disse está na Bíblia. Por isso é que a Bíblia, durante muito tempo enfrentou uma atitude receosa da parte da Igreja Católica, porque os nossos irmãos evangélicos se abraçaram a ela. Hoje, cada vez mais nós amamos a Bíblia; mas para nós Deus é um Deus vivo, é um Deus que falou e continua falando. A palavra que ele disse está na Bíblia e a palavra que Ele continua a dizer está nos acontecimentos. Para citar um exemplo concreto: lemos na Bíblia que, quando o Seu povo era oprimido pelos faraós do Egito, Deus ouviu o seu clamor.

— Ora nessa hora em que as Nações Unidas proclamam a necessidade de uma nova ordem econômica internacional, porque 3/4 partes da humanidade estão numa posição indigna de ser humano, nesta hora em que há tanta opressão, tanto esmagamento no mundo inteiro, Deus vai deixar de ouvir o clamor do Seu povo?

O MISTÉRIO DA CRIAÇÃO

— A criação por exemplo: seria tão fácil ao Criador e Pai realizar a criação de uma vez por todas; realizar um trabalho perfeito, acabado. Ele apenas começou a evolução criadora e quando surge o homem, faz com que ele participe da inteligência, da liberdade, que são dons divinos. O homem participa da natureza divina, do poder criador de Deus; o homem é co-criador, o ho-



mem está encarregado de vencer a **ESAFIO DA LIBERTAÇÃO** tureza e completar a criação.

Também quando chega o Filh. Isto é apaixonante, viver no tem-Deus e se faz homem para libertar que mais de 3/4 partes da hum-homem do pecado e das consequências estão precisando de liberta-doo pecado, do egoísmo e das consequências. Quando era criança, sempre pen-quências do egoísmo. Teria sido fque deveria ter sido apaixonante mo para Cristo libertar de uma vez por todas os escravos, no tempo dos abolicionistas, no homen; mas apenas começo a bo de Patrocínio, de Joaquim Nata-lo. Ele nos quer como co-libertados, de Castro Alves. A escravidão esando sobre os nossos irmãos res.

gros, e aqueles abolicionistas loucos, se batendo para libertar os escravos.

— Ora, só não existe escravidão oficial, mas de fato está aí a opressão caindo sobre o mundo — não só sobre o nosso país ou sobre a América Latina, mas sobre a humanidade. O trabalho que temos de empreender é ciclopico, primeiro porque não pode ser feito apenas num país, nem pode ser feito apenas pelos cristãos. Temos de contar com todos aqueles que crêem em Deus, que temem a Deus, o Pai de todos nós, e até mesmo com pessoas de boa vontade, que de maneira sincera amem a criatura humana e desejem realmente um mundo mais justo, mais humano, mais respirável.

QUANTO MAIS NEGRA É A NOITE...

— Graças a Deus nós não somos obrigados ao êxito, Deus não exige vitórias. Ele exige trabalho, Ele exige esforço. O êxito, a vitória, não depende de nós, graças a Deus. Reparem que muitas vezes quando a gente pensa que o fracasso é total, estamos às vésperas de uma vitória. Na Sexta-Feira Santa, depois de ter pregado como nunca homem nenhum pregou, depois de ter realizado prodígios admiráveis, quando os esbofetearam, escarraram-lhe no rosto, carregou aquela cruz pesada, caiu três vezes no caminho e ficou três horas na cruz recebendo insultos, nu diante da multidão, quando expira é colocado morto nos braços de Nossa Senhora e é enterrado, parecia o fim de tudo. No entanto, quando mais negra é a noite, mais podemos ter certeza de que já carrega em si a madrugada.

De uma entrevista a
Divane Carvalho, repórter da Sucursal
do JORNAL DO BRASIL em Recife.

a mulher de hoje

Maria Carrizosa de Umaña

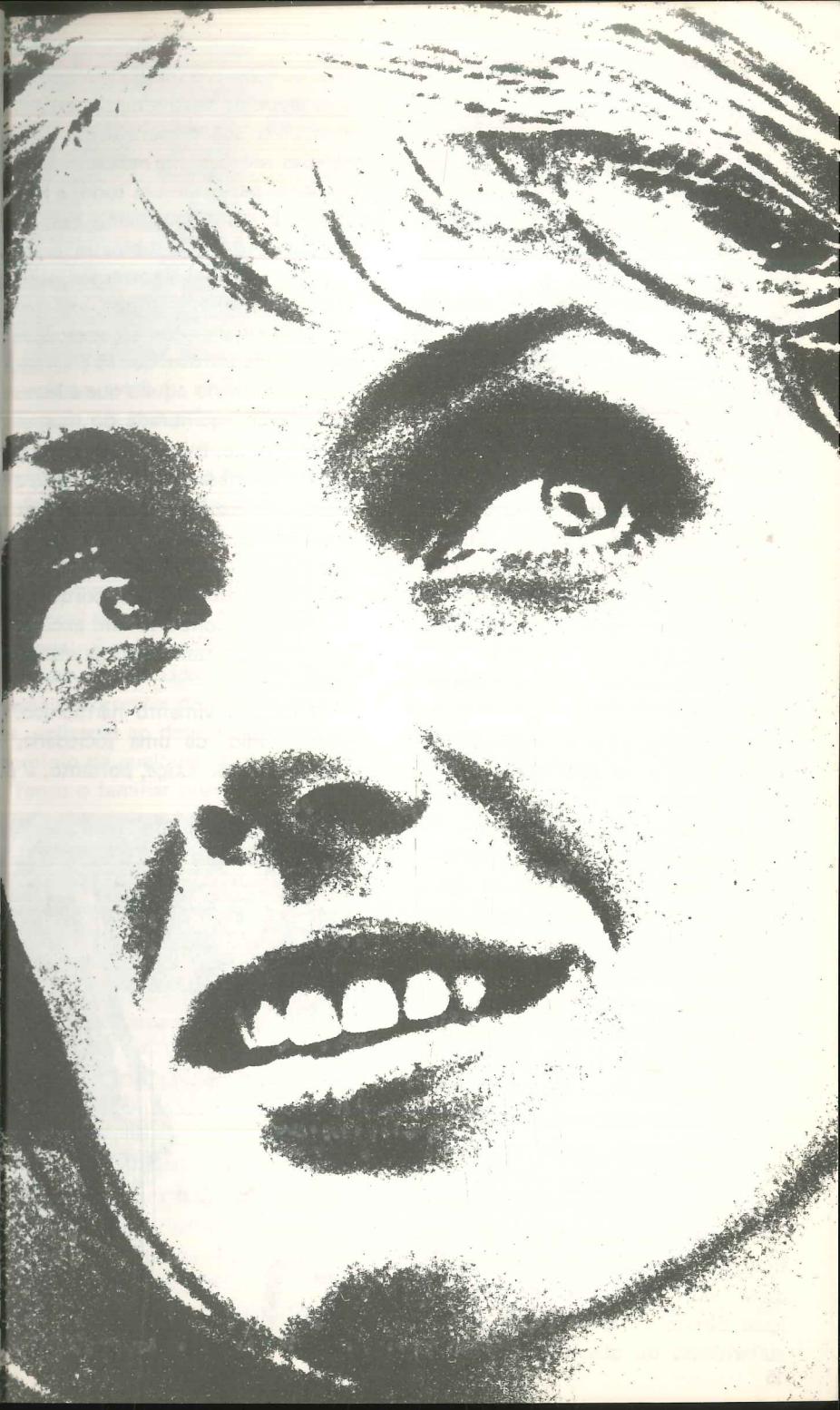
O papel da mulher hoje, sua promoção ou liberalização, como se quiser chamá-lo, é um problema complexo. Grande número de mulheres toma consciência desta realidade, e as que têm consciência de toda a complexidade do problema são as mais indicadas para tentar resolvê-lo. Outras, muito numerosas, não se apercebem dessa complexidade e são manejadas pela situação, sendo por ela maltratadas.

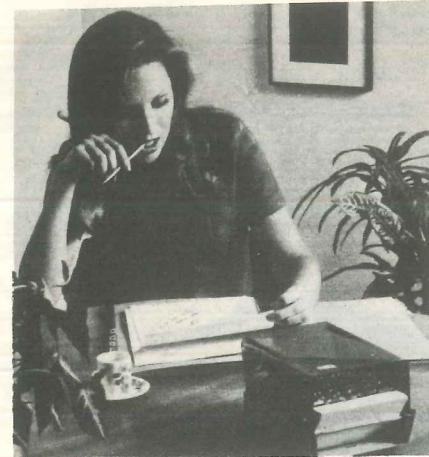
A que se deve essa complexidade? Deve-se a que a mulher se está descobrindo em toda a sua dimensão. As circunstâncias históricas e o processo de desenvolvimento da humanidade lhe estão pedindo para agir de acordo com esta dimensão. Até pouco tempo atrás,

devido a fenômenos históricos e culturais, só se havia pedido à mulher a desenvolver um único aspecto da sua vocação humana: o aspecto de esposa e mãe, que a fazia mais dependente do varão do que sua companha.

Não nos esqueçamos de que a história é um processo. Um processo que caminha do imperfeito para o perfeito. Nas etapas do desenvolvimento histórico, a mulher acreditou nessa sua única missão e então fez aquilo que lhe parecia dever fazer. E na sociedade lhe pedia coisa diferente.

Hoje, no entanto, dentro deste mesmo processo, ela descobre que deve algo mais e percebe que também a sociedade lhe pede isto.





Para podermos compreender a missão, a posição da mulher na nova e ampla dimensão em que vivemos, é necessário que tomemos consciência do que é, realmente, o casal humano. Isto é, que levemos em conta a bipolaridade sexual da humanidade.

Homem e mulher são dois integrantes da espécie humana; iguais mas diferentes, com a mesma missão de povoar a terra e de submetê-la. Iguais como pessoas, mas diferentes em suas peculiaridades. Peculiaridades que fazem com que um seja homem e outro, mulher. Quer dizer, seres sexuados. Isto significa que são seres iguais, dentro da diversidade. É o que se chama, hoje alteridade.

Realidade antropológica que, para os que creem, é também bíblica, porque parte da Palavra Revelada: "Criou Deus o homem. À imagem de Deus o criou. E criou-o homem e mulher... povoem a terra e submetam-na".

Desse modo, homem e mulher são iguais, não idênticos, não justapostos, mas casal, com igual dignidade, igual fim, igual liberdade, igual responsabilidade, igual direito às oportunidades, igual direito ao respeito por suas peculiaridades ou diversidades, igual di-

reito para seguir livremente sua vocação e alcançar seu fim dentro do plano do Criador e, dentro desses critérios, desenvolver sua personalidade e admirar suas missões em mútua colaboração como partes de um todo: a humanidade. E como igualmente responsáveis por povoar e submeter a ter-

É tão essencial a corresponsabilidade dos dois性es — o que, logicamente, supõe colaboração e coexecução que se pode afirmar que só é verdadeiramente humano aquilo que é fruto da ativa e total do varão e da mu-colaboração equilibrada do masculino — cada um trazendo, harmoniosa e do feminino. E isto de tal modo equilibradamente, suas características quando se altera essa colaboração sexuais que tornam a atividade de excesso de masculinidade e déficit um peculiar e insubstituível pela feminilidade, o resultado é a sociedade humana na qual vivemos; e a famílias vários aspectos da vocação humana destruída, desorganizada porque são do homem e da mulher podem o fenômeno contrário: um excesso de familiarizar-se em dois: o familiar e o feminilidade e um déficit de masculinidade. Compreendendo por profissionalizadas, não necessárias todas as atividades, não necessárias

O desenvolvimento harmônico, decorrente de estudos supertotal, sadio, de uma sociedade, aplicadas ao desenvolvimento e uma civilização exige, portanto, a domínio de qualquer nível da criação.

Tanto o familiar quanto o profissional correspondem à sua missão criadora: "povoai a terra e dominai-a". Até hoje o homem exerceu, quase exclusivamente, o aspecto profissional de sua vocação, perencendo o aspecto familiar reduzindo a geração e ao cuidado da conservação material do cônjuge e da prole. A mulher, por seu lado, limitou-se a acer o aspecto familiar, descuidando quase totalmente de sua missão profissional. Ou então, assumiu-a mais ou um meio de captação de recursos econômicos para seu lar e não contribuição obrigatória ao desenvolvimento ou como trabalho necessário à sua plena personalização.

Com aspectos positivos e negativos, é, sem dúvida, os movimentos

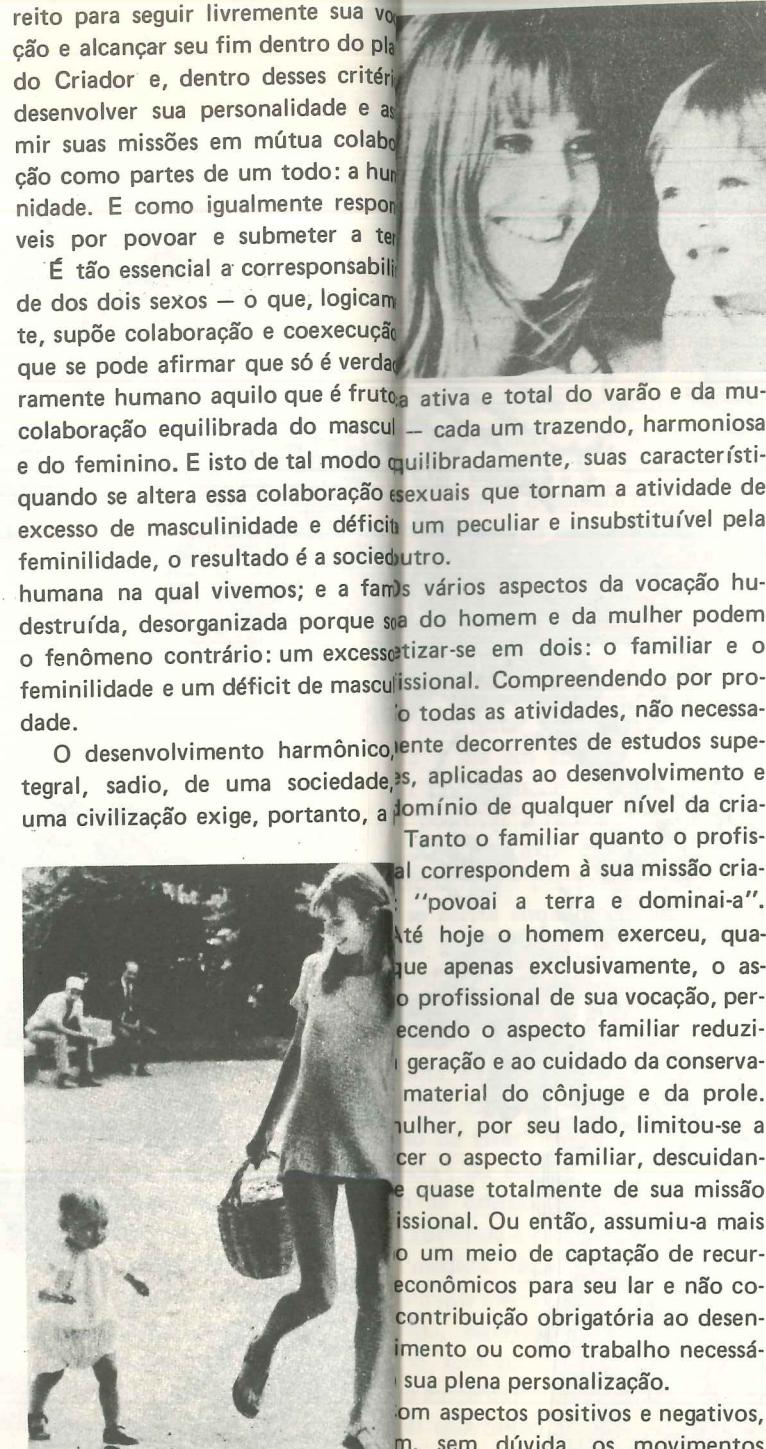
feministas, os primeiros a questionaram esta situação da mulher, fazendo-o, no entanto, sem uma visão completa de sua personalidade e sem compreender o conceito de bipolaridade sexual da humanidade. Por isso, fixaram-se, como metas, igualar a mulher e o homem, em vez de promover a mulher para que ela possa ser, realmente, mulher, mas mulher que age ombro a ombro com o homem. Por isso ainda não perceberam a impossibilidade de se conseguir a libertação do homem, numa perspectiva de complementação.

Isto é, no entanto, eminentemente necessário, tanto para não degenerar no machismo que estamos vivendo, quanto para não se cair no feminismo que se vislumbra.

Por causa dessa falta de visão panorâmica do problema, as mulheres identificam, em geral, sua libertação, com a possibilidade de serem como o homem, o que acarreta desastres irremediáveis, tanto para ele quanto para ela.

Em ser mulher-mulher, está a complexidade, a dificuldade do papel da mulher hoje. Papel complexo porque rico, cheio de facetas e difícil, porque se trata de tornar ativo e operativo aquilo que durante séculos, permaneceu passivo, inerte. Tudo está, portanto, por fazer.

É urgentemente preciso que se note: será impossível à mulher alcançar sua dimensão total de mulher sem que, simultaneamente, o homem, procure chegar à sua plena vivência, como homem.



* Maria Carrizosa de Umaña é colombiana e diretora da revista semanal "Presencia".

a mola mestra que nos move

José e Beatriz Reis



Todo homem é marcado por condicionamentos que influenciam, de mais ou menos profundo, sua atitude na vida, seu posicionamento ante de fatos e desafios. Entre esses condicionamentos, situam-se os religiosos que o levam a descobrir e a aspirar o sentido da vida e o de sua própria vida.

No entanto, o homem só descobre sua própria identidade e o sentido de sua vida situando-se no meio dos outros, em atitude de escuta, de aceitação e de serviço.

Reconhecendo e aceitando os outros, abre-se o homem normalmente para Outro (Deus) que se revela a ele no Pai comum, revelando, consequentemente, a fraternidade entre todos os homens.

Percebendo as exigências dessa relação do Senhor, cada homem tenta manifestar sua adesão ou seu religio a ela em atitude de vida, em atitudes concretas. E essas serão tanto mais positivas e radicais quanto mais radical for sua experiência pessoal, seu condicionamento pessoal com o Senhor. Se revela enquanto o chama a si-sê na vida, no meio dos irmãos, modo consequente com a revelação divina.

Espiritualidade cristã é então ser coerente, em cada circunstância, com a revelação recebida, aceitando-a como "modo de viver" como "ponto de referência" de análises e revisões, (coração de órbita) como "desafio" aos compromissos a serem assumidos e como "medida" do amor e da radicalidade com que deverá ser vivida.

Logo, espiritualidade cristã é ao mesmo tempo, algo muito amplo e muito exigente:

O que desce de Deus (sua revelação) interpela o homem (cada ho-

mem) levando-o a optar, a se transformar na resposta coerente.

Elementos da espiritualidade cristã

Existem elementos, na espiritualidade cristã, que são essenciais e imutáveis, que transcedem as épocas, as culturas e as civilizações e mesmo os problemas concretos. Esses elementos podem, portanto, ser vividos por qualquer tipo de homem, dentro dos mais diversos e até mesmo contraditórios condicionamentos. Por exemplo: um S. Bento, reunindo os monjes do ocidente viveu, no fundo, as mesmas motivações que um S. Tomaz Morus, decapitado por não pactuar com Henrique VIII. Aparentemente, suas opções foram muito diferentes. Ambas porém provinham da mesma necessidade de ser coerente com a revelação recebida e com a necessidade de traduzir sua aceitação em atitudes de vida. Ambos procuraram, com sua atitude, responder a uma necessidade de seu próprio tempo.

Por estarem muito condicionados pelo dualismo, durante longo tempo, os cristãos valorizaram apenas as dimensões espirituais das exigências da revelação do Senhor (ou das exigências evangélicas) e procuraram vivê-las sob um estilo atemporal, descomprometido, desligado do mundo e de seus problemas.

Aceitando no entanto que somos uma unidade, e não espírito e matéria artificialmente unidos, percebemos, ao mesmo tempo, que a revelação do Senhor se dirige a homens concretos, historicamente situados; e que é no meio de todos esses compromissos históricos que somos chamados a viver, do modo mais radical possível, as exigências da paternidade divina e da consequente fraternidade universal.



É por isso que podemos dizer que a revelação do Senhor, em Jesus, como Pai, e a consequente revelação da fraternidade universal constituem, para os cristãos, "as razões profundas de viver", as "motivações essenciais" de suas tomadas de posição na vida, no meio de todos os outros.

Por sua concretude, então, (exigência de atualização em situações vivenciais concretas) a espiritualidade cristã é chamada a encarnar-se, a tentar concretizar-se em determinadas circunstâncias, assumindo problemas e situações concretas que podem variar e de fato variam com o correr do tempo, com o passar das culturas e das civilizações. Assim, por exemplo os primeiros cristãos procuravam solucionar o problema das diferenças sociais colocando seus bens em comum; e um S. Vicente de Paula procurava solucionar esse mesmo problema criando serviços assistenciais. Um santo hoje, talvez, tenha que procurar resolvê-lo assumindo, com os pobres, o trabalho necessário à sua libertação.

Os desafios de hoje

Superando, até certo ponto, o dualismo que durante séculos condicionou os cristãos, percebemos hoje ser essencial que o elemento definitivo da espiritualidade cristã (revelação do Senhor

e resposta do homem), se encarna situações muitas vezes pobres, pias, limitadas e provisórias que, em determinado momento, o homem que deve responder.

Sem essa encarnação em situações concretas espiritualidade cristã, fuga, alienação, narcisismo, esse cristão percebe que os valores desvinculado da vida.

E sem referência às suas profunda fuga, essa encante contrários aos valores propositoria cultural (capitalista) são frontalmente contrários aos valores propostos por nossa estrutura sócio-econômica. Poderia transformar-se, para o cristão pelo evangelho? Com efeito, em pragmatismo, em oportunismo este explicita a revelação da ocasiões de auto-promoção.

Não existe uma medida pré-estabelecida que indique o ponto de para dominar e oprimir grande número dessas duas solicitações (vio de homens e de povos em proveito de alguns poucos).

situações históricas e concretas). Compreende que as exigências evangélicas são muito abrangentes? Que homem é chamado a descobrir, eis que ele mesmo, esse equilíbrio, à medida que interpelam, não apenas cada pessoa constantemente, fazendo as coisas em particular, mas o mundo dos homens, suas comunidades de vida, as

Isto nos faz compreender a natureza das estruturas por eles constatação de recebermos a revelação das mental do Senhor com o coração projetos de vida? pre renovado em atitude de escuta, rommando consciência desses problemas permanentes, com a consequente dúvida, esse cristão há de procurar não só converter-nos a ela, mas denunciá-los, mas descobrir e dia, hora após hora. Pois, comemorar suas raízes profundas em Paulo VI, a revelação do Senhor anuncia, ao mesmo tempo, interpela, muitas vezes. "Com sua vida, o tipo de relacionamento e exigências novas".

O cristão de hoje é chamado a novo tipo de civilização que Pausas mesmas motivações, as mesmas VI denominava "civilização do zões profundas de viver. Nisto, sir".

piritualidade não se diferencia de outras épocas ou de assumindo a dimensão histórica e cultural. A instância da espiritualidade cristã

tão, o latino-americano, hoje, faz clara opção pelos pobres e oprimidos e procura assumir, junto com eles, compromissos sociais e políticos, que possibilitem construir um mundo em que os homens possam viver como irmãos.

Surgem então, por toda a parte, pequenas comunidades de cristãos mais ou menos conscientes, mais ou menos comprometidos, que procuram servir os irmãos na própria medida em que se deixaram interpellar e desinstalar pela revelação do Senhor. Vivem assim, de modo novo, a espiritualidade de sempre. Esse novo modo de viver a espiritualidade exige do cristão, hoje:

- **grande capacidade criativa**, capacidade de descobrir respostas novas para interpelações novas;
- **grande dose de consciência crítica**, para assumir, nos momentos exatos, os compromissos exatos;
- **grande lealdade**, para não fazer, do evangelho instrumento a serviço de ideologias dominantes;
- **grande totalidade**, para perceber que não se trata de optar por uma entre duas espiritualidades ditas cristãs, mas de tentar concretizar as mesmas motivações fundamentais, sem deturpar-las ou traí-las;

- grande generosidade, para ser capaz de encarnar, em situações históricas, provisórias e limitadas, a doação total, exigida pela revelação do Senhor.

Por tudo isso, podemos compreender que viver como cristão consiste em ser coerente, em cada circunstância, com a revelação recebida (Deus como Pai e os homens como irmãos) aceitando-a como razão de viver, ponto de referência, desafio, medida do amor e da radicalidade que deverão caracterizar nossa opção de nos colocar a serviço dos irmãos. Na América Latina e no Brasil de hoje esse serviço possui características próprias, descobertas pela Teologia da Libertação.

Algumas advertências oportunas

É importante que não nos esqueçamos, no entanto, de que:

- "sem deixar de se comprometer concretamente, no serviço dos irmãos, o cristão deve procurar afirmar, no âmago mesmo de suas opções, aquilo que é específico da contribuição cristã, para uma transformação positiva da sociedade". (O.A.36)

- "uma mesma fé cristã pode levar a assumir compromissos diferentes". (O.A.50)

- "na diversidade das situações, das funções e das organizações, cada um deve individuar sua própria responsabilidade e discernir, em consciência, as ações nas quais está chamado a participar". (O.A.49)

- "a política é uma maneira existe bem que não seja a única – do compromisso cristão, ao serviço de outros. Sem resolver todos os problemas, naturalmente, a mesma pessoa esforça-se por fornecer soluções às relações dos homens entre si. O domínio é vasto e abrange muitas; não é, porém exclusivo".

- "é uma atitude exorbitante que tendessem fazer da política algo absoluto; tornar-se-ia um exclusão grave. Reconhecendo muito em autonomia da realidade política, casse-ão os cristãos solicitados trarem na ação política por encorrecer entre as suas opções evangelho e, dentro de um le pluralismo, por dar um testemunho pessoal e coletivo, da seriedade da fé mediante um serviço eficaz e interessado aos homens". (O.A.46)

Parece-nos oportuno colocar "motivações fundamentais da cristã" porque "a mentalidade que domina hoje induz a outorgar o absoluto ao compromisso político, detimento do compromisso para negando, a este último, verdadeiras: detalhes dos templos eróticos cajuaro – Índia.

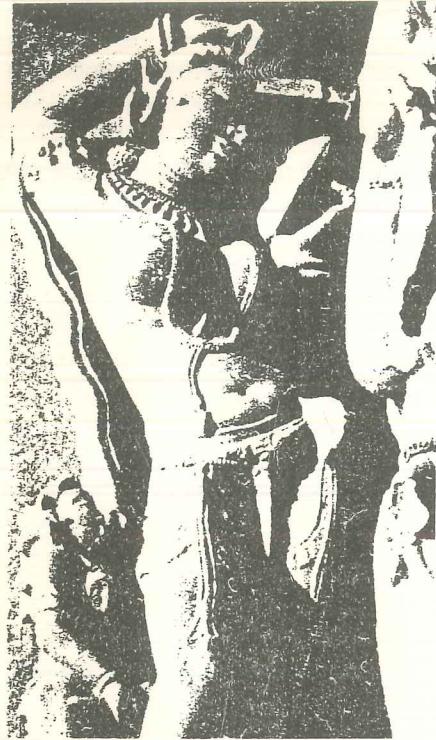
cácia em relação à transformação da sociedade. É preciso revalorizar o penho pelo crescimento da comunidade cristã, na fé e no testemunho. A começo de conversa, é bom notar que as coisas: vida, proclamando claramente a sexualidade e sexo não são a mesma coisa; sobrenatural do homem e ajuda os cristãos a descobrir os valores coisa; inclusivos políticos, que a vivência sexualidade não é apenas propriedade do cristianismo explícita. A função do sexo visa a objetivos de benefício de uma convivência lógicos, ao passo que a sexualidade humana. O fermento das estruturas sócio-políticas do estado pagana visa antes de tudo a objetivos por si mesmo, testemunho eloqüente de ordem pessoal. A natureza da sexualidade é, portanto, essencialmente

sexualidade e fé

Pe. Marcos Bach

de ordem espiritual e o exercício da sexualidade se traduz especificamente no ato de comunhão, no ato pelo qual homem e mulher se relacionam de forma análoga ao desenvolvimento existente no seio da vida divina intertrinitária.

A diferenciação sexual não só atinge de forma indireta a dimensão espiritual da pessoa, mas até tem nela a sua origem. Não é o animal que explica o



homem, mas é o homem a chave de interpretação de toda realidade viva. Homem e mulher são duas versões radicalmente diferentes do mesmo Pensamento Divino. E este pensamento preside em certo sentido a toda criação. "A essência da matéria é espiritual", afirmava Einstein. A essência da sexualidade é espiritual, poderíamos concluir. O relacionamento sexual humano é, portanto, essencialmente encontro, diálogo e comunhão de dois seres espirituais, nascidos do mesmo Pensamento, cuja diversidade não representa um elemento de limitação e pobreza, mas constitui-se em fator decisivo de enriquecimento, tanto no plano pessoal, quanto no plano conjugal e comunitário. A "necessidade" sexual, e portanto, a complementariedade sexual não possuem nenhuma conotação restritiva e delimitante.

24

Antes, pelo contrário, significa entre fé e vigor sexual envolve uma série de momentos polares, constitutivos de considerações a que habitualmente o enredo da história da humanidade leva, se furtando em virtude da concepção geral e da biografia individual humana, seja no âmbito pessoal, sanhada que tem tanto da fé como plano conjugal e comunitário. As potencialidades do relacionamento

A antropologia moderna volta ao humano. Evangelho e antropologia da vez mais para uma concepção estão a caminho de realizar um sonalista da sexualidade em diálogo extraordinariamente promissor às antigas posições biologistas. Ira o futuro da sociedade humana.

O animal recebe o sexo SEXUALIDADE E lhado e pronto para o exercício ESENVOLVIMENTO

funções que lhe são próprias, a Qual o papel que cabe à sexualidade trário do que sucede com o hom tarefa de preparar pessoas capazes que neste terreno se vê obrigadas a se relacionarem sadiamente com o aprender praticamente tudo o q mundo que as cerca? A abordagem cessita para o reto exercício da dsta questão só é possível depois que dades sexuais. Um longo apren s tivermos despojados do arsenal de o capacita a responder adequadamente feitas, clichês prontos, modelos te ao apelo sexual. Para ele a sere tipados e fantasias gratuitas, dade constitui um constante de costumam distorcer a realidade se inteligência, à razão e à vontade al em todos os seus aspectos. Para o animal o sexo é fonte de A sexualidade preside todos os nos quilidade. Para o homem é fonte de relacionamentos, não lhes dando manente de angústia, enquanto nas o colorido, o toque masculino tiver alcançado um optimum feminino, mas constitui a fonte de ssa capacidade relacional.

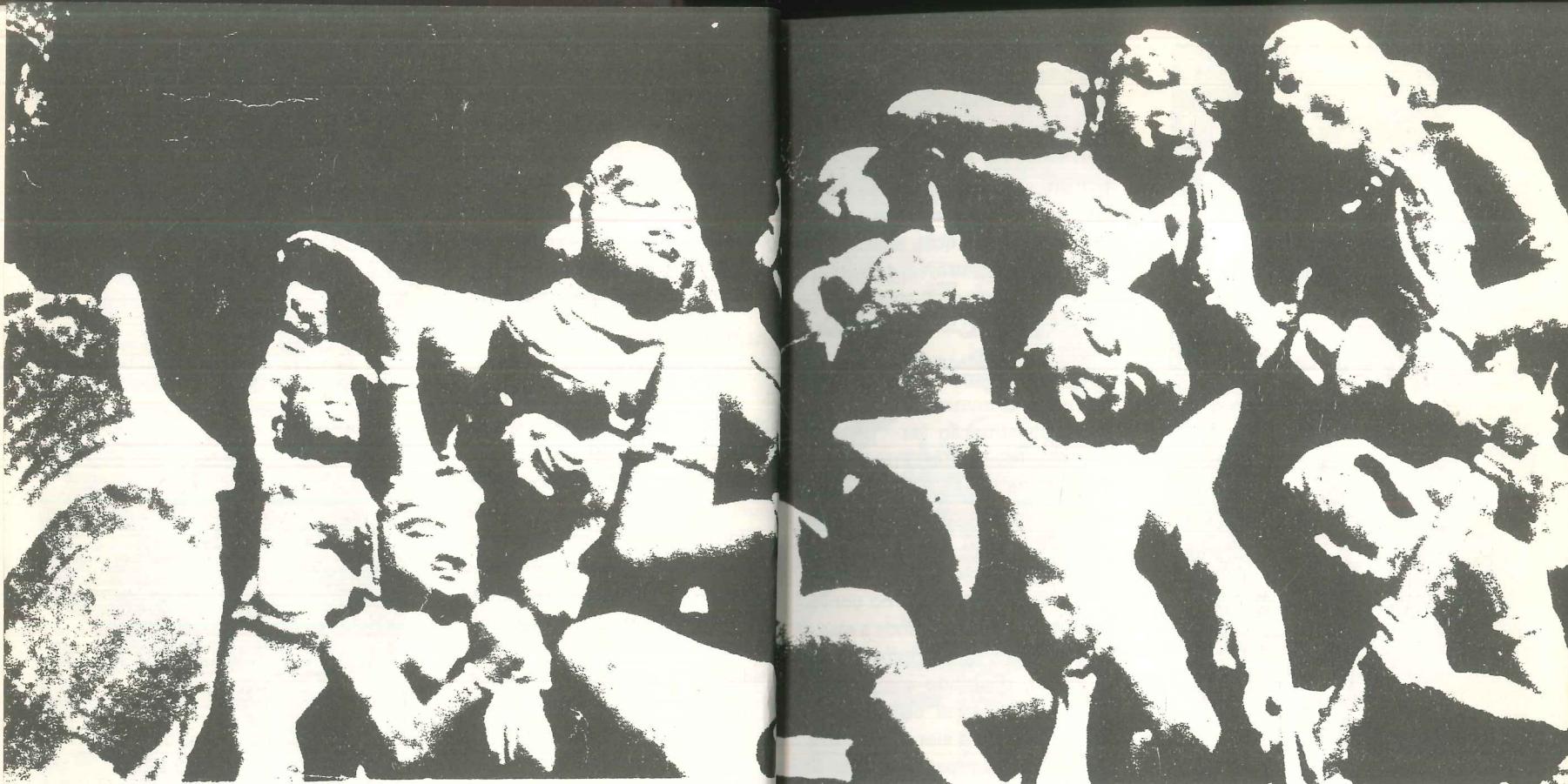
FÉ E SEXUALIDADE

Nossa reflexão se ampara em ade, pelos padrões sociais, por uma premissas básicas:

- A natureza do ato de fé é essencialmente pessoal e relacional. Padrões sociais puritanos, apoiados por preconceitos e noções Isso suposto, a conclusão é científicas.
- A natureza da sexualidade é princípio da conveniência e sustentavelmente da mesma ordem. Por uma moral restritiva que con

existe uma vinculação essencial entre sexualidade e fé, entre maturidade e expansão de fundo com liberdade e capacidade de crer. O papel de formas. Que barra o desenvolvimento à sexualidade em relação à de uma sexualidade livre, movida ser determinado a partir do receio da libertinagem. ção e não a partir de critérios bPor uma religiosidade alienada da cos ou sociais. A relação exige que se perde no sentimentalismo





vago de uma piedade inofensiva; ou que encara a sexualidade, partindo de um voto sistemático de desconfiança, definindo a abstinência sexual como condição privilegiada para um relacionamento religioso mais profundo e autêntico.

A ruptura com este lastro de representações ultrapassadas é imprescindível para uma abordagem correta da questão em foco.

Torna-se necessária não apenas uma reformulação de conceitos, mas uma reestruturação radical da consciência, tanto no plano individual como no plano coletivo. Isto supõe uma espécie de desmarginalização da sexualidade,

26

envolvendo um processo de despersonalização da mesma.

De outro lado, torna-se indispensável uma relativa despersonalização, seguindo a realização integral das relações sexuais. Por despersonalidades sexuais se concretiza a realização entendendo-se aqui um processo de três planos distintos, mas convergente:

integração da unidade conjugal em dimensões mais amplas, capazes de oferecer o plano individual:

campo mais vasto à expansão das despersonalidades sexuais. Isso supõe a sexualidade está a serviço do individual processo de ultrapassagem dos níveis. Antes de mais nada somos nós bio-eróticos e da esfera estritamente doméstica. Supõe igualmente a intenção próprio desenvolvimento sexual. A convivência conjugal e fama perspectiva exageradamente social em contextos vivenciais de ampliante termina por inverter a ordem social maior.

ca das coisas. A moral socialista es-

conde sob a capa de uma impressionante austeridade puritana uma das piores distorções a que se pode submeter a dinâmica da sexualidade humana. Colocando o trabalho em primeiro plano acaba-se por marginalizar a sexualidade. O mesmo ocorre com todos os sistemas morais repressivos da sexualidade. Atividade sexual pertence essencialmente ao campo do lazer. A renúncia sexual não tem caráter prioritário, mas tão sómente subsidiário. Justifica-se em vista do uso melhor, como forma de acumulação racional de energias, já que estas são limitadas e seu emprego necessita de planejamento racional.

27



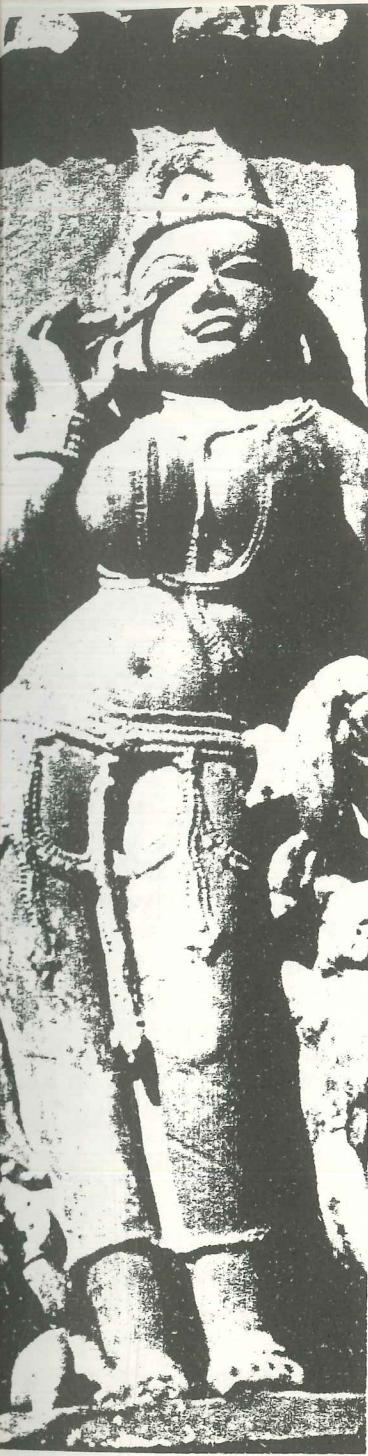
No plano conjugal:

É próprio da sexualidade estar a serviço de um outro, mais que a serviço da própria realização. Só se realiza quem se põe totalmente, integralmente e definitivamente a serviço da realização de um outro. Todo projeto de realização sexual deve visar em primeiro lugar à realização sexual do parceiro. Ser feliz só é possível fazendo alguém feliz. Se a concepção socializante peça por exagero do fator "altruista", a concepção "liberalizante", individualista e possessiva em demasia, peça por falta de integração comunitária. A realização da unidade conjugal é uma tarefa eminentemente comunitária, concebida em termos de colaboração e não de repartição de fun-

ções, tarefas e papéis, como está tecendo em nossa sociedade, feito devidas exceções. A tarefa de conservar e manter a unidade conjugal inclui por igual, em sua totalidade, tanto homem quanto à mulher, em termos de estrita responsabilidade geral. Enquanto cada qual espera encontrar a felicidade e através dela sua realização, há pouca esperança de melhoria substancial no terreno do relacionamento conjugal.

No plano comunitário:

A constituição da "pessoa casal" ainda não é o último passo dado neste terreno. Resta um terceiro que é a integração da pessoa casal no corpo social. Ou melhor, na comunidade. O convívio conjugal, quando autêntico, desemboca no convívio comunitário. Não se atende a essa exigência inscrevendo-se numa comunidade religiosa, dividindo com outros momentos alegres ou tristes da vida, praticando com eles exercícios e festações religiosas. Algo de substancialmente diferente deve acontecer para que se possa falar, com justiça, de integração comunitária. Há muitos véus a encobrir as maravilhas que Deus realiza através e por meio do convívio conjugal. Esses véus podem permanecer eternamente bordados. É preciso correr as cortinas, é preciso revelar-se. É preciso que o casal revele, a quem tem condições de compreender, o mistério de Deus que envolve como nuvem luminosa seu convívio. A vergonha, a fobia, a parreira da qual ainda não conseguimos libertar-nos depois de tantos lénios, representa um dos maiores obstáculos opostos à eficácia do testemunho cristão. Enquanto confundir a falta de vergonha com espontanei-



e vice-versa, continuaremos a marcar passo e ficamos devendo em matéria de progresso sexual às sociedades por nós tidas como primitivas e ultrapassadas. Enquanto a mulher indígena encontrou a solução "ideal" para o problema do planejamento familiar, nossos casais, que se têm em conta de supercivilizados, ainda recorrem a métodos ridiculamente primitivos. A posse tranqüila da própria sexualidade é algo que está longe de fazer parte integrante do nosso acervo cultural. No dia em que tivermos à disposição do planejamento racional da família meios e métodos que não firam a dignidade da pessoa humana, meio caminho estará feito. No dia em que descobrirmos a comunidade, suas riquezas e promessas de plenitude, teremos dado o passo final.

O cristianismo não é a rigor uma religião, ou uma religião entre muitas outras. É simplesmente a chave para a solução final de todo e qualquer problema humano. É a promessa definitiva de Deus dada em resposta às aspirações mais legítimas e profundas do ser humano. Salvação é isto aí. É no tempo e no espaço, que confinam as nossas existências, que devemos e podemos atingir a resposta última a todas as questões que a fé e a razão forem capazes de nos por, a todas as aspirações e desejos genuinamente humanos, que formos capazes de formular. A todas as expectativas que vierem a brotar em nosso íntimo, por mais arrojadas e audazes que pareçam. Deus não põe no homem nenhum desejo, não desperta nele aspiração alguma, não acorda em seu íntimo movimento algum, que não esteja disposto a satisfazer plenamente na eternidade e parcialmente, ao menos, no decurso da nossa existência temporal.

inversão do relato da criação

Jorg Zink

Tradução livre.



No princípio Deus criou o céu e a terra.

Depois de muitos milhões de anos, o homem criou coragem e resolveu assumir o comando do mundo e do futuro.

Então começaram os sete últimos dias da história.

Na manhã do primeiro dia, o homem resolveu ser livre e belo, bom e feliz.

Resolveu não ser mais a imagem de um Deus

mas ser simplesmente homem.

E como devia acreditar em alguma coisa, acreditou em liberdade e felicidade em bolsa de valores e em progresso, em planejamento e desenvolvimento e especialmente em segurança.

Sim, a segurança era a base.

Disparou satélites perscrutadores e preparou foguetes carregados de bombas atômicas.

E foi a tarde e a manhã do primeiro dia.

No segundo dia dos últimos tempos, morreram os peixes dos rios poluídos pelos dejetos industriais; morreram os peixes do mar pelo vazamento dos grandes petroleiros e pelo depósito do fundo dos oceanos: os depósitos eram radiativos, morreram os pássaros no céu impregnado de gazes venenosos — inversão térmica — morreram os animais que atravessavam incautos as grandes auto-estradas, envenenados pelas descargas plúmbeas do trânsito infernal.

Mas morreram também os cachorrinhos de estimação pelo excesso de tintas que avermelhavam as linguiças.

E foi a tarde e a manhã do segundo dia.

No terceiro dia, secaram o capim nos cerrados, a folhagem nas árvores o musgo nos rochedos e as flores nos jardins. Porque o homem resolveu controlar as estações

segundo um plano bem exato. Só que houve um pequeno erro no computador da chuva, e até que descobrissem o defeito, secaram-se os mananciais e os barcos que singravam os rios festivos encalharam nos leitos ressequidos.

E foi a tarde e a manhã do terceiro dia.

No quarto dia, morreram 4 dos 5 bilhões de homens: uns contaminados por vírus cultivados em provetas eruditas, outros por esquecimento imperdoável de fechar os depósitos bateriológicos, preparados para a guerra seguinte; outros ainda morreram de fome porque alguém não se lembrava mais onde escondera as chaves dos depósitos de cereais.

E amaldiçoaram a Deus: se Ele era bom porque permitia tantos males?!

E foi a tarde e a manhã do quarto dia.

No quinto dia, os últimos homens resolveram acionar o botão vermelho, porque se sentiam ameaçados. O fogo envolveu o planeta

32

as montanhas fumegaram, os mares evaporaram. Nas cidades, os esqueletos de com armado ficaram negros, lançando fumaça órbitas abertas.

E os anjos do céu assistiram espantados como o planeta azul tomou a fogo, depois cobriu-se de um marron e finalmente ficou cor de cinza. Eles interromperam os seus exercícios durante dez minutos.

E foi a tarde e a manhã do quinto dia.

No sexto dia, apagou-se a luz: poeira e cinza encobriram o sol, a luz e as estréias. E a última barata que tinha escondido num abrigo antiatômico morreu pelo excesso de calor.

E foi a tarde e a manhã do sexto dia.

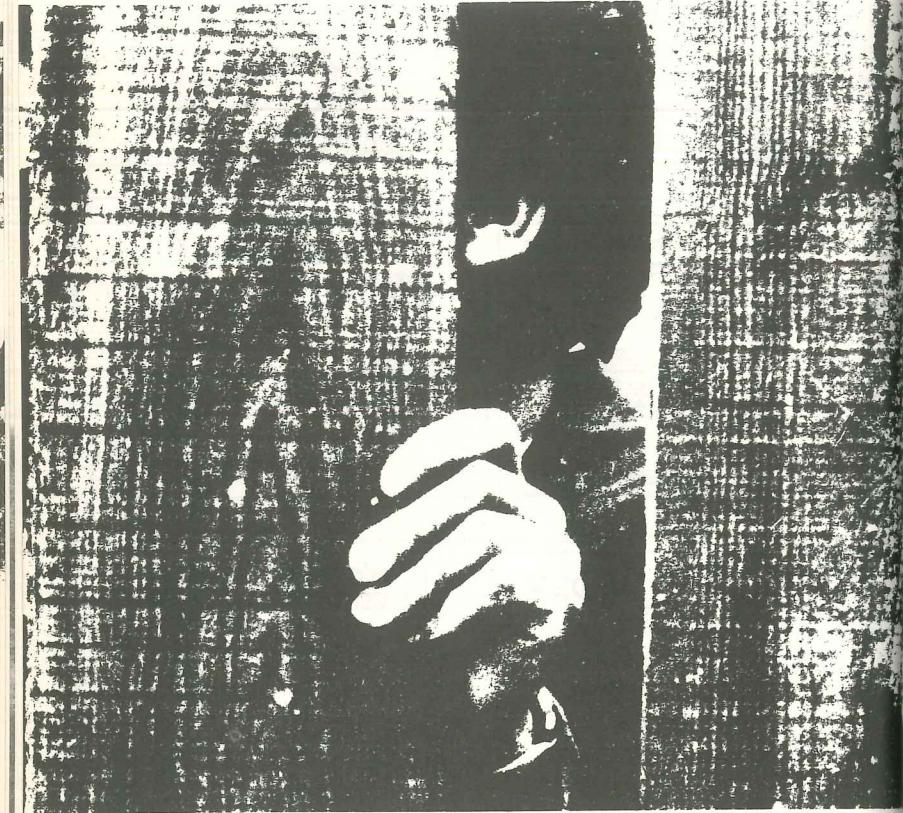
No sétimo dia, havia sossego, até que enfim! A terra estava informe e vazia as trevas cobriam o abismo e o espírito do homem, o fantasma homem,

pairava sobre o caos. Mas no fundo do inferno comentava-se a história fascinante do homem que assumira os controles do mundo, e gargalhadas estrondosas, ecoaram até os coros dos anjos.

Meus Senhores, nada impede que o homem venha ao fim de suas possibilidades; mas resta ainda uma esperança: que o mundo e com ele o homem futuro estejam nas mãos de um Outro.

RANGO Igar vasques





“quem sabe faz a hora”

Selma e Helio A.

erro fundamental que hoje se vê na formulação de uma política de desenvolvimento é o afastamento do processo de escolha dos

elos a serem adotados. Por isso, cheiram sempre a hipocrisia pronunciamentos que apregoam

o homem o centro do desenvolvimento.

E esta é a intenção dos tecnocratas

que traçam os caminhos que devemos

seguir, só nos cabe suspeitar de sua sensibilidade às aspirações populares — ou duvidar de sua competência.

Ora, se se estabelece um modelo de desenvolvimento que não responde às autênticas aspirações do povo, o descontentamento é inevitável.

Esse descontentamento é a causa lógica de tensões sociais que levam os detentores do poder a lançar mão dos conhecimentos e nada simpáticos me-

canismos de controle e intimidação, para que não seja contestado o modelo adotado para o desenvolvimento da nação.

Os resultados não poderiam ser outros: revolta ou desalento, radicalizações ou alienação. E o povo à margem dos acontecimentos.

Seria preciso que as classes dirigentes compreendessem, de uma vez por todas, que o desenvolvimento só pode estar centrado no homem se o povo não é apenas objeto mas sujeito do processo, e da escolha dos caminhos.

Isto supõe que se atendam as legítimas aspirações de igualdade e participação do homem do nosso tempo.

Se os homens são discriminados conforme seu nível sócio-econômico-cultural, se são julgados incapazes de escolher o seu próprio destino por não saberem manejá escovas de dentes, jamais se realizará um verdadeiro desenvolvimento que vise ao homem todo e a todos os homens.

Este erro fundamental está instalado em muitos países e incorporado tanto nos movimentos históricos de inspiração marxista como nos de inspiração capitalista liberal. Porque no fundo são mais ou menos iguais, por mais que pretendam se apresentar como alternativas antagônicas.

Desenvolvimento pela força

Outro mito atual intolerável é a crença de muitos de que o desenvolvimento

36

mento de uma nação só se faz gimes de força.

Basta uma rápida mirada à abertura à participação popular às vezes como uma espécie de nosso sofrido continente e bondosamente concedido para outros tantos países do terceiro mundo, a capacidade de bom comportamento, para se perceber que é um mito do povo. Mas mantém-se as salientes tentativas de desenvolvimento das que permitam revogar tais ação sob a força das armas e de negócios a qualquer momento em usos usuais de coação, controle e comece a se reacender e irritante são.

Sempre se apregoa astuciosamente suas próprias cabeças. que essas fases de implantação cristão tem que cultivar a cora- modelo de desenvolvimento pode denunciar a iniquidade básica são, hão de ser fases transitórios sistemas que atualmente se curto período durante o qual entram falsamente como as duas so garantir-se a paz social, as opções para o desenvolvimento a tranquilidade públicas para novos.

dos possam trabalhar sossegadamento em seus princípios gerais co- E o tempo passa. O que ser os seus modelos de realização prá- sitório se eterniza. Porque é ambos se servem do homem para muito tempo para implantar seus objetivos puramente modelo de desenvolvimento cri- gicos — até desumanizá-lo.

As classes privilegiadas, que não sabemos que modelos alternati- aos seus interesses, até o ponto Margirão. Nem quando poderão ser se tenha razoável certeza de intados.

mas haverá contestações sérias uma coisa é certa: só a participação do povo sofrido nas decisões que digam respeito à sua liberta- neutralização da capacidade de tantas formas de opressão a que resultantes desse quadro. sujeito, poderá produzir resulta- azoáveis.

E não se pode esquecer, ainda acima dos interesses das minorias do cristão minantes, estão sempre presentes maiores dos países super- al o papel privilegiado do cristão volvidos com os quais se mante- alização de profundas, corajosas ções de deplorável dependênci- vadoras transformações de estru- contrárias ao espírito do Evan- nómica e cultural.

Antes de mais nada, ele percebe que não lhe é permitido manter-se à margem desse exigente processo.

Ser agente dessas transformações é uma consequência lógica da sua Fé. Não é uma opção facultativa.

É isso mesmo: o cristão não tem escolha...

Ou melhor, sua escolha foi anterior: ser ou não ser cristão, responder ou não ao dom gratuito da Fé que Deus lhe ofereceu.

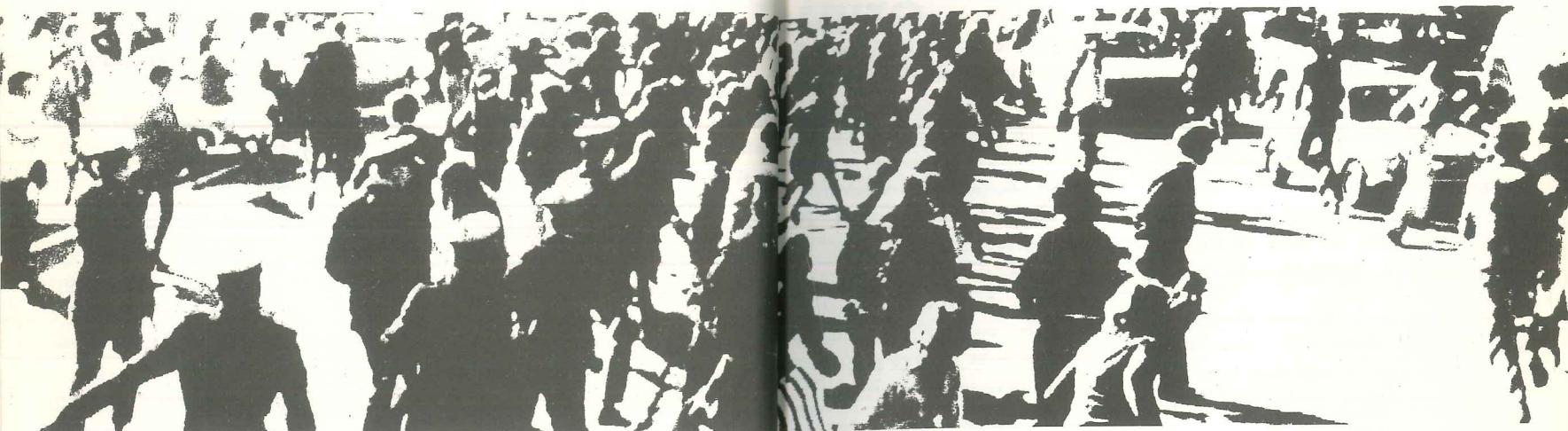
Foi aquele o momento da opção adulta — livre, consciente, responsável.

A partir da aceitação da mensagem evangélica que exige o compromisso efetivo com a justiça e o amor ao próximo, e do mandamento que o fez coparticipante da obra da Criação, o cristão não tem mais o direito de manter-se à margem da História.

É simples questão de coerência.

Já que ele não preferiu ser budista e adotar um deus gordinho, corado e pouco exigente...

Que pode então fazer concretamente o cristão por um verdadeiro desenvolvimento que responda às legítimas aspirações de todos os homens e não apenas às das classes privilegiadas? Que se realize não segundo modelos importados ou elaborados por tecnocratas fechados em confortáveis gabinetes, mas moldados pela vontade dos homens para os quais ele pretende estar voltado?



Ser sujeito do seu destino

Antes de mais nada é preciso desenvolver em nós mesmos e em todos aqueles que podemos atingir com a nossa palavra, a consciência de que somos — ou devemos ser — os sujeitos do nosso próprio destino e do destino da nossa comunidade.

Cabe-nos a iniciativa e não a passividade cômoda. "Quem sabe faz a hora, não espera acontecer".

Seria imperdoável passarmos a vida inteira esperando que nos caísse nos braços uma oportunidade milagrosa de situação efetiva.

Um dia, tarde demais, perceberíamos que "o tempo passou na janela" e não conseguimos ser mais que frustradas e tristes Carolinas em nossa tranquila e estéril acomodação.

É também missão do cristão estruturas intermediárias ciar, teimosa e corajosamente, formas de injustiça, desumanizar o outro lado, o Cristão sabe que é opressão contrárias às exigências impossível responder sozinho a tão Evangelho. gentes compromissos.

Sim, mas às vezes é perigoso como colaborar na construção de mos todos... ições mais justas e fraternas entre os

É verdade. Não preveniram uns, entre grupos e nações sem Nazaré do risco que ele corria, ticipar de estruturas sociais interincrível coerência? Sabemos coadiárias? reagiu sempre às preocupadas Ação individual perde em eficácia tências de seus assustados segue mantém vulnerável demais ao de- Conhecemos também os resultâmo.

sua pregação.

Ora, o cristão é o que crê e está abertas à participação efetiva Mestre — quisquer que sejam Cristão. E se não estiverem, vamos sequências.

Sendo prudente como ele foralmente, mas jamais confundindo. Por que os Sindicatos e Associações dência com atitudes que têm ou classe caem tantas vezes nas mãos me. oportunistas? Por que a Escola e a

Universidade se tornaram estruturas alienantes e comportadas, onde não se questiona mais nada? Que saudades dos diretórios acadêmicos e grêmios colegiais, nos quais se formavam a consciência crítica e o sentido de responsabilidade na construção de um mundo mais justo.

E se tentarmos analisar em profundidade esse fenômeno, encontraremos associados, na sua origem, a notória repressão do sistema com a melancólica omissão dos Cristãos. Pois o Cristão é justamente aquele que, iluminado pelo Evangelho, mais obrigação terá de compreender a missão que o Criador atribuiu ao homem quando o fez coparticipante de sua obra.

A política

Outro desafio à atuação do Cristão é a participação política efetiva.

É uma das formas mais nobres, embora não a única de viver-se o compromisso Cristão no mundo, a serviço dos irmãos.

Deve ser aceita e assumida mesmo quando leve inexoravelmente ao arriscado exercício da crítica — que os criticados nunca consideram construtiva...

Paulo VI afirmou, com indiscutível lucidez, que "tomar a sério a ação política em todas as suas formas e em todos os seus níveis é afirmar o dever do homem, de todos os homens, de reconhecerem a realidade concreta e o valor da liberdade de escolha" para a realização do bem da cidade, da nação e da humanidade toda.

Para esvaziar a nobreza inerente à ação política, unem-se o comodismo de muitos com o interesse daqueles que se consideram os donos definitivos dos destinos do povo.

A técnica usualmente adotada por estes é o destaque sistemático da desonestade de alguns políticos e a retirada forçada do cenário daqueles mais corajosos e autênticos contestadores dos sistemas injustos.

Diante do quadro medíocre que resta, mesmo que tenha vocação para a vida pública, o Cristão é ameaçado pela tentação de fugir da atuação política, com medo de sujar as mãos, em atividade tão desmoralizada...

Rendem-se assim às regras do jogo falso que lhes foi preparado pelo sistema.

Diante de tamanhos desafios e cercado de tão traíçoeiras armadilhas, o Cristão se sente muitas vezes despreparado para o desempenho fiel de sua missão.

A função da família

A família teria um papel preponderante em sua preparação para a presença fecunda no mundo.

Nela devem formar-se pessoas livres, conscientes e responsáveis.

Não através de uma forma de educação que se reduz à transmissão de valores imutáveis dos pais para os filhos.

Numa educação familiaradora, todos se educam mutuamente, como intermediário, em um ambiente tão rico de estímulos, encantos e desafios.

Na família, se desenvolve, a partir da consciência crítica de todos — pais e filhos — para se tornarem cada vez mais capazes de interpretar a realidade de que deve ser humanizada.

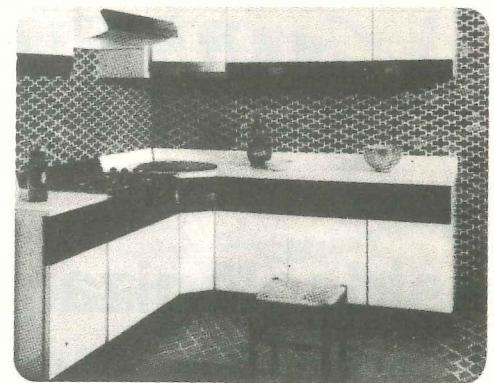
Nela se desenvolve o senso de responsabilidade, que a ninguém exclui, na construção de uma sociedade mais fraterna, como exigência de todos.

Na família, enfim, pais e filhos se transmitem contínua e reciprocamente os valores e a Fé que serão o instrumento para o compromisso concreto e bem comum.

Por isso, é quase intransférivel a intermediação da família na iniciação crítica e transformadora de seus membros na sociedade.

As famílias fechadas e acomodadas que se preocupam apenas com o aspecto pessoal e profissional de seus membros, protegendo-os dos riscos e garantindo a segurança que estão associados à participação ativa na construção da ordem social, mais justa, gerando personalidades conformistas e neutras, não são capazes de viver o seu compromisso cristão no mundo.

DO EM 5 RESTAÇÕES EM JUROS. RÉDITO IMEDIATO!



**AZULEJOS • PISOS
PASTILHAS • LOUÇAS
AQUECEDORES
SANITÁRIOS
CERÂMICAS
FOGÕES • METAIS**

brimatec

J.S. BRITO LOUÇAS E FERRAGENS LTDA.

Centro	rua Ubaldino do Amaral, 93/99	tel.: 244-5335 (PBX)
Estácio	rua Frei Caneca, 442	tel.: 224-2663
Campinho	dep.:rua Carlos Xavier, 837	tel.: 390-2710 – 390-4615
Copacabana	av. Princesa Izabel, 245	tel.: 275-4296
Tijuca	rua Conde de Bonfim, 85	tel.: 264-5940

desideologização da igreja

Renato Tepedino

Constantemente no debate sobre a Igreja, está se tornando hábito a questão das ideologias.

De maneira simplista os bispos são classificados em diversas categorias: conservadores, progressistas, pró-comunistas, pró-capitalistas, etc.

Mesmo entre os leigos há uma preocupação constante em determinar o comportamento de cada grupo em relação a esta ou aquela ideologia.

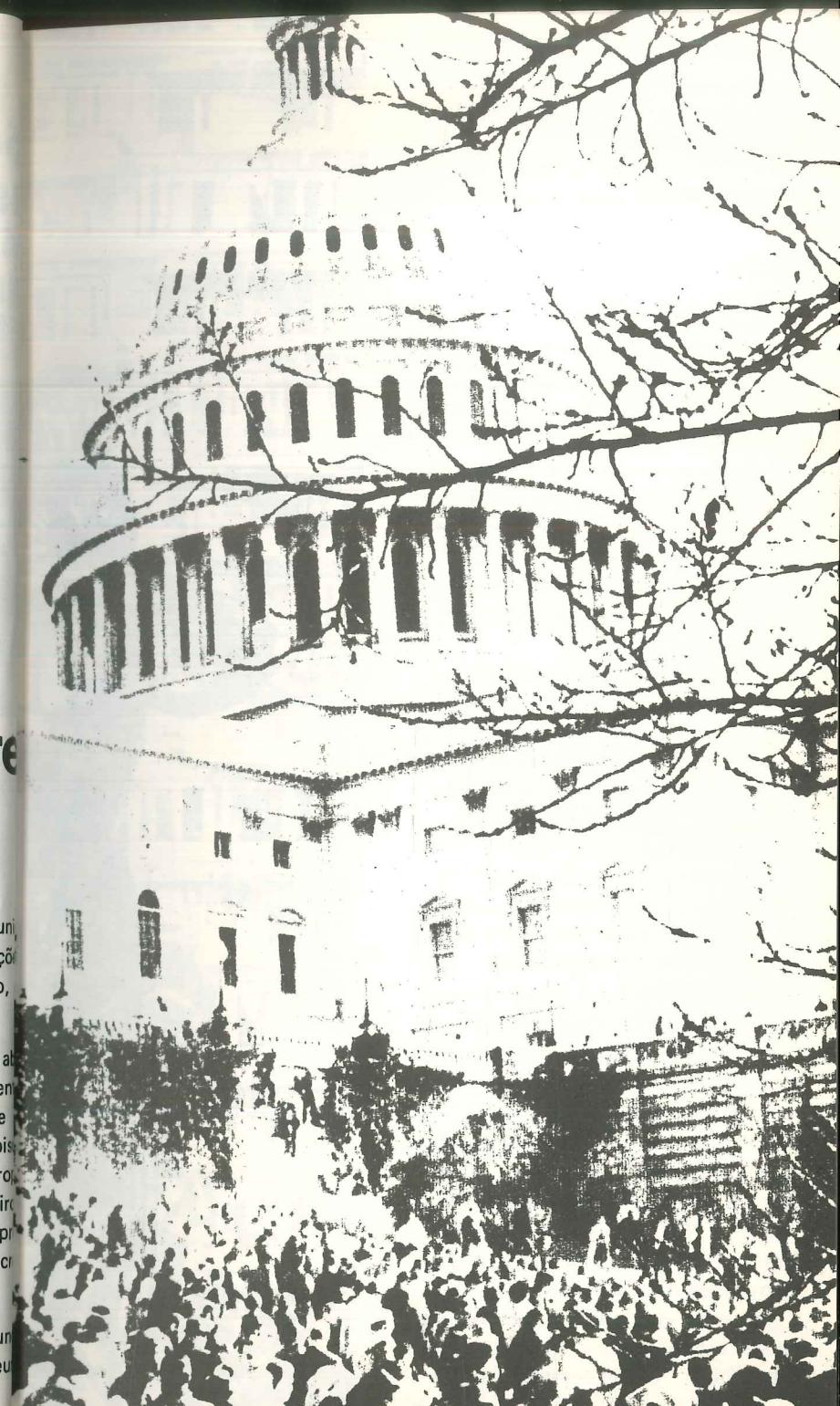
Não podemos fugir desta realidade da Igreja de hoje, principalmente no Brasil e na América Latina.

Entendemos que este fato concreto que transparece a todos nós no dia a 42

dia, pelos veículos de comunicação social, não se trata apenas de posições individuais deste ou daquele bispo, mas sim de grupos isolados.

A partir do Vat. II, a autoridade maior da Igreja, com a descentralização do poder decisório de Roma, através das Conferências Episcopais Nacionais e Continentais, provocou, principalmente ao Terceiro Mundo, o surgimento de teologias práticas encarnadas na realidade concreta de cada país e de cada povo.

Até então, o resto do mundo permanecia dependente de uma teologia europeia.



que nem sempre, apesar do esforço "das adaptações", era adequada às diversas realidades vividas pelos cristãos fora da Europa.

Na América Latina principalmente, emergem diversas tendências teológicas, fruto, sem dúvida, da realidade de opressão em que vivem estes povos. Talvez por isso, a Teologia, chamada "da Libertação" tenha correspondido de maneira mais imediata às necessidades do cristão deste Continente, tanto nos meios leigos como eclesiás, apesar de pequena minoria.

Trata-se de um esforço de traduzir os Evangelhos, a proposta de Jesus Cristo, de maneira concreta para a realidade de vida destes povos.

Um dos pontos básicos dessa Teologia é o processo de "desideologização" da Igreja.

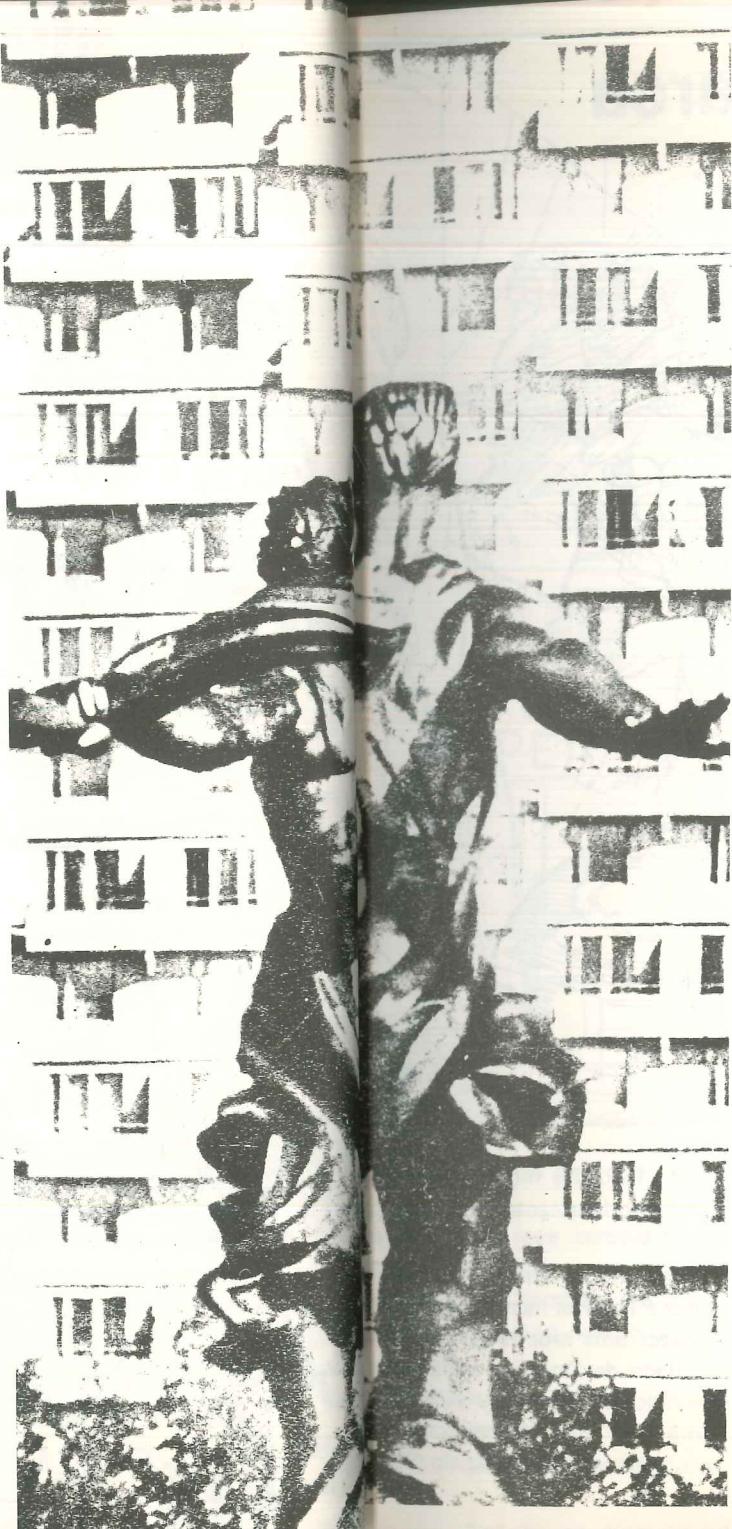
Estando a Igreja Latino-Americana comprometida com os sistemas vigentes, desde a colonização espanhola e portuguesa, onde confundiam a Igreja e o Estado, a Igreja, atrelada ao poder dominante, inevitavelmente compactuava com os poderosos.

Esta corrente teológica propõe que, em processo de desideologização, a Igreja institucional se desvincule desta "aliança", como a única maneira, de ela, Igreja, cumprir sua missão evangelizadora, tendo em vista que o Amor Cristão é um comprometimento com a Justiça. Mas Justiça para todos os homens.

Sem dúvida, vem ocorrendo nos países latino-americanos uma ruptura entre a Igreja e o poder do Estado.

Vem à tona uma Igreja isenta, irrequieta, e crítica diante das injustiças e dos sistemas opressivos.

Quando esta ruptura ocorre em países capitalistas, gera uma reação bem típica: "se não compactuam, são



contra, se são contra e nós somos capitalistas, são comunistas".

Acontece que a desideologização é de qualquer ideologia, seja ela capitalista ou marxista.

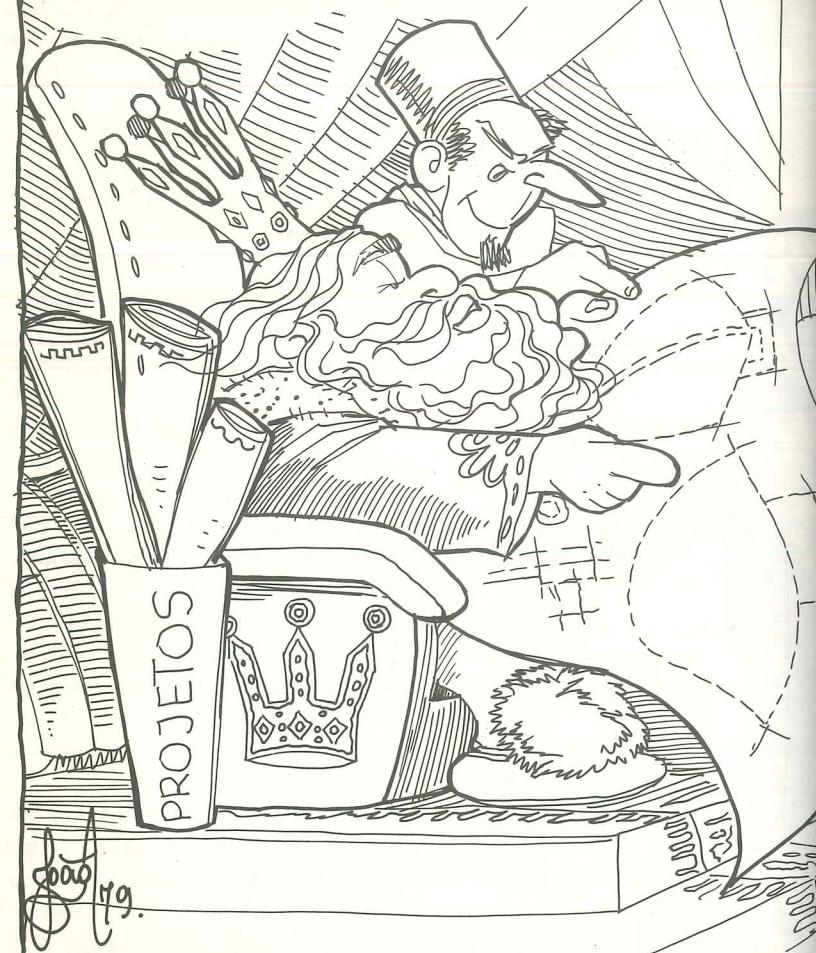
Para estes teólogos a Igreja está comprometida somente com a mensagem de Cristo e seu povo; deve dialogar com todos os povos, independentemente de suas ideologias, manter-se vigilante e denunciar todas as opressões e injustiças que ferem a dignidade do homem.

Assim, nos parece que a desvinculação da Igreja do poder dominante, no caso da América Latina, o capitalismo, não é uma opção pelo marxismo; a desideologização é contra qualquer ideologia, à esquerda, à direita ou ao centro. Com isto a Igreja procura a sua própria identidade. Nesta busca, os chamados "progressistas" são, paradoxalmente, os mais "retrógrados", pois voltam às raízes do cristianismo dos primeiros séculos, procurando traduzir para os nossos tempos a mensagem de Cristo, livre das elaborações e alienações ideológicas, tentando inserir de maneira concreta a mensagem de Cristo na história desses povos.

Parece-nos que o pluralismo na posição dos bispos, tão debatida atualmente, não é um problema ideológico e sim de Eclesiologia, isto é, a maneira de viver a Igreja, de ser Igreja, uma diferença no "modus" de traduzir e viver a palavra de Cristo, e não um comprometimento ideológico. Muito pelo contrário.

O discurso da Igreja até então instrumento valioso para manutenção do "status-quo" como elemento de redução e resignação das massas marginalizadas volta agora, com muito mais conteúdo evangélico, a ser uma esperança de libertação desses povos.

a fábula da arca



Certo dia Deus chamou o Rei e disse-lhe:

— Rei, não vou lhe dar maiores detalhes, mas seria bom que você mandasse construir, dentro de um mês, uma grande arca. Bem grande.

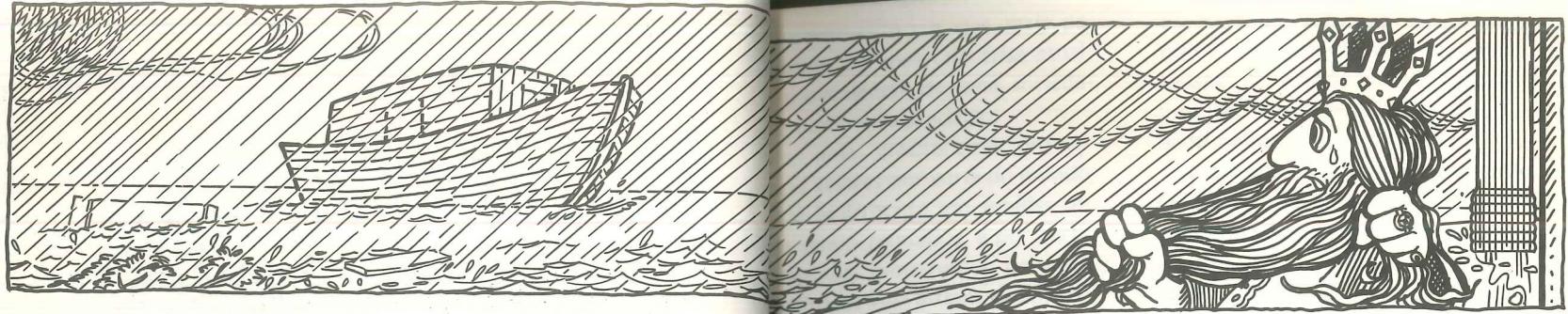
Informado, o Rei voltou ao palácio e falou do que lhe dissera Deus a um amigo. Dele, ouviu que existia do

46

outro lado das montanhas durante a vida do bisavô do sobremesmo velho fabricante de arcas.

O velho foi chamado ao Salão do Reino do monarca — que, corado e lá o Rei mandou que coloca bom monarca, também era cerca- a fazer uma arca tão grande q dor sábios — foi ao ouvido do Rei vontade de Deus. O ancião, taumentou: e silencioso, recebeu a ordem e Majestade, se é a vontade de bora para a sua tapera, onde ã, acho que seria temerário colo- truña as melhores arcas do Reino o projeto da arca da depen-

dência exclusiva do know-how do velho, cuja tecnologia, pelos últimos relatórios recebidos, parece obsoleta se comparada com o que se faz nos países que estudam o assunto, apesar de como sabemos, não fabricarem arcas. Eu aconselharia o Reino a criar um grupo de trabalho para coordenar o Projarca, como poderíamos chamar o projeto.



O Rei não gostava de grupos de trabalho, pois sabia que eles dificilmente se agrupavam para trabalhar. Mas, tratando-se de um assunto onde entra a mão de Deus, concordou...

Quinze dias depois, o ancião já tinha pronto o estoque de madeira com o qual ergueria a arca. Técnicos do Projarca, porém, duvidaram da qualidade do lenho e representaram aos sábios do Rei.

Houve um atrito entre o velho e um técnico. Os sábios, preocupados com a ranhetice do ancião, foram ao Rei e solicitaram a criação de uma subsidiária para pesquisar vegetais. Ela haveria de dizer, em pouco tempo, qual o tipo de árvore a ser usado.

Resolveu-se criar a Peskarca. Ela teria a vantagem adicional de operar no mercado, tornando-se lucrativa. Mas, como uma empresa de pesquisas não podia ficar subordinada a um grupo de trabalho, fechou-se o grupo e fez-se uma superintendência, chamada Superarca.

No vigésimo dia do prazo descobriu-se uma gigantesca roubalheira no fornecimento de equipamento e na venda de computadores à Superarca, que já tinha 12 mil funcionários. Co-

mo havia pressa, não foi aberto rito, mas criou-se uma gerência de computadores para encaminhar o controle, entregue a um programador que passou a ter o título rarca.

Rei soube da dispensa do velho Este demitiu 2 mil funcionários dia do prazo, quando foi com a ajuda dos 5 mil que cedo por Deus. e informou aos sábios que a arca? — perguntou Deus. os técnicos da Superarca, ha O senhor precisa me dar mais republicanos. Estes foram devias. Está tudo pronto. Temos 25 te, processados, com exceção de 10 funcionários trabalhando dia e noite, poucos, que desapareceram projeto. Ainda não começamos a agem, mas, em compensação, gra-

Passados 25 dias do encontro, versatilidade de nossos técnicos Rei com Deus, a Peskarca já meus sábios, já ganhamos mais lucro de 2 milhões de estrelas. Superarca, graças à fábrica de resultados marginais do projeto. rinhos e à criação de pintos que o senhor tem mais 15 dias. Pode nha nas granjas de apoio, r. Mas cuide para ter sua arca no outros quatro.

O velho fabricante de arcas, cansado, deixara de ir à Capital, volta ao Palácio, o Rei reuniu descobriu que suas verbas tinham sido determinadas e que a Comarca repassadas ao Departamento de Gasse seu trabalho. Para isso, foi ções de Imagem — Imarca — visto um grupo de trabalho integrado de defender a imagem material. percarca em publicações neoabalone dia e noite e, passados canas,

Foi ao Superintendente, época já era Vice-Rei de uma nhia de Economia Misturada, e, depois de um diálogu, onde foi acusado de p. manha seguinte, o Rei soube rejeitar o sistema Proarca, gerou precisaria conseguir mais 10 dias

com Deus. Irritou-se, tirou duas das três carroagens dos sábios e proibiu-os de usar mais de 32 vestes nas festas de cerimônia.

Ao alvorecer, Sua Majestade já estava à porta de Deus, à procura de um novo adiamento. Foi recebido por um santo que trouxe a má notícia:

— Não haverá adiamento. Deus já lhe deu uma prorrogação e, afinal de contas, quando mandou que fizesse a arca, já estava sendo benevolente.

Descendo a caminho de seu Reino, o monarca começou a sentir que caía uma chuva fininha.

Três dias depois, continuava chovendo. O Grande Salão Dourado estava inundado, como, aliás, estava inundado todo o país. A Corte, reunida, tinha água pela cintura.

Um dos sábios, mais esperto, viu que surgia do horizonte uma pequena mancha. Era um barco, um grande barco, uma arca.

— Mandem parar aquela arca. De quem é aquela arca?

— Não adianta. É do velho Noé, aquele que trabalhava para meu bisavô. Ele não vai parar — previu o Rei.

E Noé, que em sua arca só levava bichos, foi em frente.

o ambiente cultural e o casal

(Revista CIAS Argentina — parte de uma reflexão mais ampla).

Os profissionais que trabalham com casais em conflito comprovam que as causas do fracasso de grande maioria de casais se situam, antes de tudo, no modo como encaram sua convivência: isto é, situam-se, não tanto em causas de ordem econômica, social ou genital, mas na incapacidade de resolver os problemas provenientes da convivência diária.

Os jovens se casam, geralmente, com grande desejo de se amarem, mas experimentam, ao mesmo tempo, grande dificuldade de expressarem essa relação efetiva e em assumir as responsabilidades próprias da vida em comum.

Isto se deve, em parte, ao fato de estarem eles submetidos a enormes tensões e pressões, e talvez por não serem capazes de reservarem um pe-

queno espaço de tempo para a flexão em comum para que rem-se sobre seu presente e seu para elaborarem conjuntamente projeto de vida que, apesar disso, de modo implícito, em cada. Um exemplo do que afirmam rá ser encontrado na tendência predominante pela grande maioria a girar a qualquer tipo de preparação (cursos de preparação ao casamento, reuniões de noivos, leitura de livros apropriados, etc.). É-nos reconhecer também que, muitas vezes, a pastoral específica sobre o trimônio e a família sublinha mais o que não se pode fazer (moralista e negativa) do que o preciso criar, assumir, realizar, constitui um dos pontos que devem ser questionados.

valores culturais que mais permanecem no meio da crise atual, são provenientes de uma sociedade de consumo e de prestígio. Iste uma pressionante promovendo esses valores por parte do mundo exterior, já esclerosado em moldes difíceis de serem rompidos, e por parte da opinião pública, promovendo determinados estilos de vida através dos meios de comunicação de massa. Tanto em estatal quanto privada, esses meios de comunicação, salvo raras exceções, funcionam em toda a parte, os mesmos programas massificando comerciais, piegas e escapistas. Muita influência através da TV, tudo — particularmente do lado de fora, cuja alienação secular se lida em função dos interesses ados pelos poderes sócio-econômicos e políticos.

melhor das hipóteses, essas informações podem ajudar-nos a fugir das tensões que vivemos atualmente, a isto neutralise uma tomada

de consciência mais profunda do significado dos acontecimentos e de suas causas, impedindo ou obstaculizando uma sadias inquietação por uma realidade melhor.

Claro que não negamos as gigantescas possibilidades que têm os meios de comunicação, na promoção humana: a amplitude, rapidez e qualidade da informação abre horizontes para outros setores e outros povos; a criação de um novo tipo de homem e de civilização, mais de acordo com a complexidade atual. Mas lamentamos que, aqui e agora, continuem pesando mais os elementos negativos.

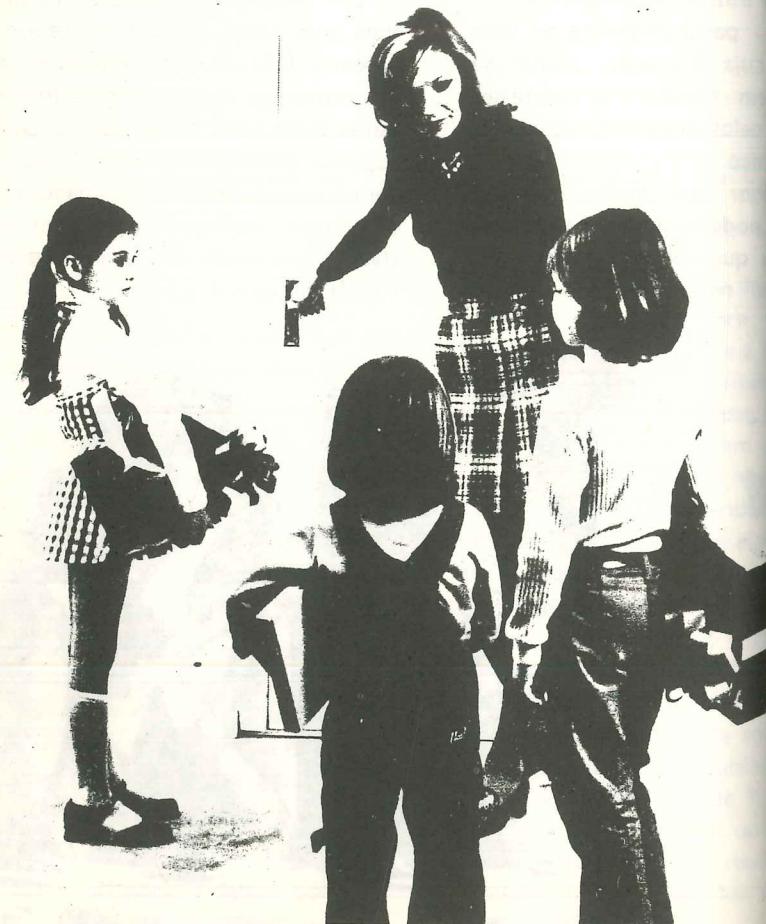
Esse campo sumamente amplo para uma ação cristã eficaz é prioritário e urgente. Não existem, praticamente, programas ou artigos sérios e interessantes sobre esses temas que nos preocupam e que são universais. E não podemos menosprezar a capacidade crítica do povo — em geral muito mais sensível do que pensamos, a programações bem feitas, sensatas, sérias.



Outro aspecto a ser levado em consideração hoje, é a situação em que se desenvolve a vida urbana situação que repercute em nossas famílias. Não apenas no que se refere à sua segurança jurídica e econômica, ou à sua proteção social (bastante instável por falta de uma legislação global, embora existam progressos isolados) mas pelo próprio marco político que nos rodeia. Marco que ultrapassa as anedotas da vida dos partidos políticos ou da vida do Governo e penetra na vivência de todos os homens e de todos os dias, com sua carga de receios, frustrações e desalentos.

A falta de canais válidos de expressão — porque não reconhecidos como tais aquela existem e que são oficialmente conhecidos — a distorção da convivência humana, a incerteza ou mediocridade dos dirigentes origem a um clima de descontentamento generalizado, que, evoluí, seguramente, em estados de angústia com suas consequências para a vida familiar ou em apatia e evasão de responsabilidades em qualquer nível.

Tudo isto forma um ambiente inadequado para a formulação de um projeto de vida mais ou menos



52



orientar os esforços que os jovens recém-casados costumam fazer, o objetivo de concretizar bem a vida conjugal e familiar. É preciso evitar a ingenuidade ou muito mistério para se elaborar um planejamento, quando a gente não pode prever onde se vai, o que acontecerá no futuro próximo ou mesmo imediato. Hoje como ontem, chegamos à mesma conclusão de Saint-Exupéry: "não é olhar um para o outro, é olhar, ambos, na mesma direção". E por isto mesmo, grande parte dos casais jovens procuram construir, sim, um companheirismo, e, quando ensam nos filhos, preferem que haja poucos para que possam ter segurança econômica.

Em resumo, se tivéssemos que assinalar "por que" e "para que" se casam

hoje os jovens, sublinhariam três motivos fundamentais, sabendo embora que neles existem tantos matizes, quanto são os casais que os adotam:

Casam-se:

— porque se amam, colocando neste amor todo um desejo, tanto de desenvolvimento pessoal quanto de apoio mútuo;

— porque desejam estabilizar seu relacionamento, hoje, mais do que nunca, ameaçado por todos os lados;

— porque desejam prolongar-se no filho.

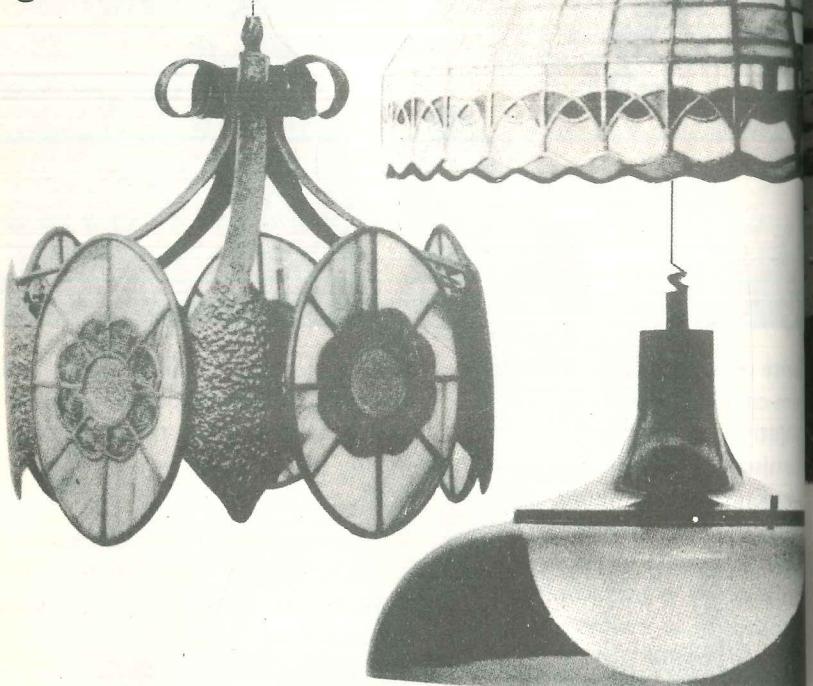
Embora este tenha deixado de ser o objetivo prioritário (pelo menos no tempo) e quase único do matrimônio, continua a ser, no entanto, uma aspiração muito profunda e generalizada de quase todos os jovens casais.

53

lustres · apliques luminárias

NOVA LUX

material elétrico em
geral e ferramentas



Aqui, na NOVA LUX você encontra materiais elétricos, ferramentas e todo tipo de lustres que iluminam e decoram os mais variados ambientes. NOVA LUX é sinônimo de qualidade.

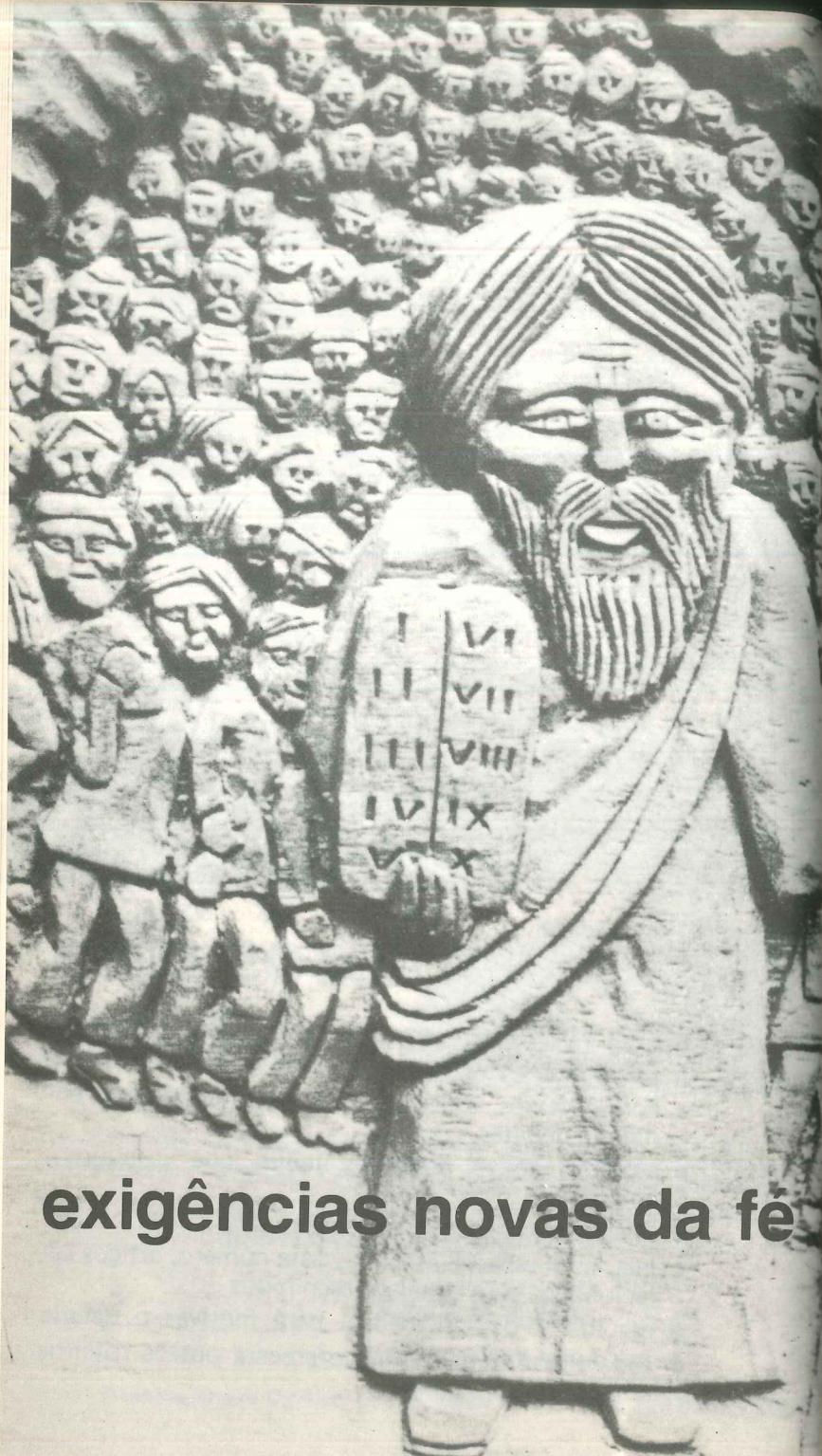
NOVA LUX
ELETRICIDADE LTDA.

Avenida Amaro Cavalcanti, 145, Méier - RJ — Tels.: 229-6647 e 269-8



roteiros para reuniões e debates

- apresentamos, a seguir, diversos roteiros para reuniões e debates
- escolha dentre esses os temas que interessem ao grupo
- selecione as perguntas mais adequadas
- leia, com especial atenção neste número, artigos relacionados com os temas escolhidos
- escolha a dinâmica ideal para motivar o debate
- cada número da revista oferecerá outros roteiros e temas sempre atuais.



exigências novas da fé

o longo dos tempos, por causa do desejo de transcendência, os homens procuraram viver formas de espiritualidade que respondiam às exigências de época.

houve Cruzadas contra os "infiéis"; houve o silêncio dos mosteiros em que homens ou mulheres se isolavam definitivamente do mundo, para um encontro mais profundo com Deus; essas modalidades predominaram em diferentes momentos da História.

Teria um equívoco apegar-se e tentar reproduzir, nos nossos dias, formas de espiritualidade que já não respondem às novas interpelações do mundo contemporâneo.

Hoje se questiona a espiritualidade encarnada e descomprometida com as necessidades dos homens.

Também não é aceitável a espiritualidade conjugal sem conexão com a vivência efetiva das responsabilidades do casamento: fidelidade, doação, proximidade, ajuda mútua e vivência adulta plena.

O sentido teria uma espiritualidade familiar e comunitária, sem compromisso ético com a justiça e o amor ao próximo?

Teria válida a prática religiosa sem conexão com os atos concretos da vida quotidiana?

A oração pode se reduzir a mágica de comercialização com Deus...?

A vivência sacramental e a liturgia são muitas vezes vazias de sentido autêntico.

Preciso dar sentido efetivo e real a todas estas formas de expressão.

mir-se e alimentar-se, uma verdadeira espiritualidade.

O cristão é hoje desafiado a descobrir o sentido da espiritualidade que o mundo de hoje reclama: como indivíduo, como casal, constituído em família e como membro do Povo de Deus, segundo os carismas e a vocação de cada um, sensíveis aos sinais dos tempos.

Há uma forma exigente de se viver uma espiritualidade encarnada, no nosso contexto social.

Com efeito: percebe-se, hoje, no nosso Continente, viva reação à situação de injustiça e à iniquidade dos sistemas sociais que marginalizam grande número de famílias, condenadas à extrema pobreza.

Este fenômeno é agora identificado como situação de pecado.

O cristão é chamado, então, a assumir a causa dos pobres e de sua libertação da opressão da miséria.

Assumir esta causa, com todas as consequências, como opção de Fé, será uma forma exigente de se viver, hoje, uma autêntica espiritualidade cristã, no compromisso de construção do Reino de Deus, aqui e agora.

PERGUNTAS PARA UMA REUNIÃO

- Como entendemos a espiritualidade cristã — individual, conjugal, familiar, grupal — no mundo de hoje?
- Que opções concretas podemos assumir, para uma vivência mais autêntica da espiritualidade cristã, aqui e agora?
- Qual o sentido da oração? E dos tempos simbólicos de encontro mais íntimo com Deus? Da liturgia e da prática dos sacramentos?



a alegria do encontro

Muita gente acha que "o desajustamento sexual é a causa do esvaziamento amor conjugal".

eria este o motivo mais frequente separações e da desagregação familiar.

Outros acham o contrário: "o desajustamento sexual no casamento é consequência da falta de vivência e de festações do amor conjugal".

Também estes costumam admitir pode acabar se formando um círculo vicioso: a frustração sexual e o amento da vida afetiva do casal se alimentando reciprocamente. Com quem estará a razão? O que fui antes: "O ovo ou a galinha?". As pessoas de antigamente usariam tal expressão: "isto dá panos para engasgos...".

Uma coisa, entretanto, parece ser muito aceita: a conexão entre a sexualidade e a vida afetiva conjugal.

Esta conexão pertence ao mundo dos simbolismos, que só o ser humano é capaz de construir.

Porque só o homem é capaz de fazer de uma simples refeição em comum, o símbolo e a celebração da amizade. Ou de eleger um objeto qualquer como sinal de realidades maiores: a flor seca guardada dentro de um livro, presente antigo que pode simbolizar o início do amor do casal; um velho banco, de madeira, conservado desde a infância, e que fala de tantas alegrias e infortúnios vividos em família, usado por parentes queridos que já se foram: será um símbolo da coesão familiar que se construiu ao longo de

tantos anos de vida em que aquele sólido assento de madeira, já desgastado pelo uso, era uma presença e utilidade sempre aceitas distraidamente.

Assim, também, a sexualidade conjugal, com todas as suas ricas e variadas formas de expressão, torna-se um símbolo insubstituível do amorconjugal.

A sexualidade, é claro, não se reduz ao ato conjugal, mas engloba todos os impulsos e manifestações de doação e comunhão, de ajuda e aceitação mútuas no encontro de pessoas, na vida quotidiana do casal.

Ela é essencialmente espiritual.

Alimenta e celebra o entusiasmo de viver e a alegria de estar juntos.

Só dentro deste contexto de comunhão de vidas, na preocupação pelo bem do outro, a sexualidade se exprime e transborda num ato conjugal íntegro e rico de simbolismo.

Torna-se sinal sensível e eficaz do amor-doação. Eficaz porque ajuda a construir, reforça, alimenta e fecunda o próprio amor que ele exprime.

É assim o dinamismo da profunda relação de pessoas que o casamento constrói, numa linha de totalidade: doação no ser e no agir, intimidade no mesmo tempo física e espiritual, comunhão integral de duas pessoas, no amor.

Muitos ainda perseguem o ajustamento sexual por complicados e acrobáticos mecanismos e "técnicas de desempenho" aprendidos em aulas de exologia ou em consultórios especializados — e fazem do ato conjugal uma sessão de ginástica...

Esquecem que tais recursos terão sempre uma eficácia duvidosa se o ato irrompe naturalmente do arrebata-ento amoroso da vida compartilha-
a.

O casal que se ama de forma saudável sabe exprimir sua relação afetiva com entusiasmo e frequência, em xuais harmoniosos e profundos amorosos.

A alegria dessa intimidade, a capacidade de doação, comunhão — que podem predispor o casal, ainda mais novas relações mais íntimas, bordantes de alegria e prazer, verso daquele círculo vicioso.

Esse dinamismo construtivo quece a vida conjugal e familiar dele decorre a tranquilidade, a cia e a ternura com que o casal superando as dificuldades e os do dia-a-dia.

Quem vive esse dinamismo, condições melhores para tecer uma rede de relações familiares, que tem em relações sociais amplas e mais fraternas.

diálogo da sexualidade

ALGUMAS QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Que sentido tem para nós a sexualidade é essencialmente es-
dade conjugal? ual. Suas expressões são formas
 - Como é entendida — e como tipos de comunicação e linguagem-
da de fato — a conexão entre amor conjugal.
xualidade e o amor conjugal?
 - Que condições — espirituais, intretanto, certos aspectos físicos
lógicas, físicas e materiais psicológicos dessas expressões da se-
cem-nos necessárias para um idade não devem ser desprezados.
 - A integração do casal é, então, mesmo, capazes de influir so-
cialmente mais plena da sexualidade dinamismo das relações afetivas,
conjugal?
 - Como avaliar até que ponto se vai desenvolvendo ao longo da
condições se tornaram inace- conjugal.
 - tantes? uitos casais não têm conseguido
— condições econômicas, de em toda a sua amplitude, a ale-
moradia, de trabalho... transbordante que poderiam en-
— condições de equilíbrio psí- rar em suas relações sexuais.
gico, de tranquilidade e de amor que procuram exprimir não
interior... capaz de resolver algumas dificul-

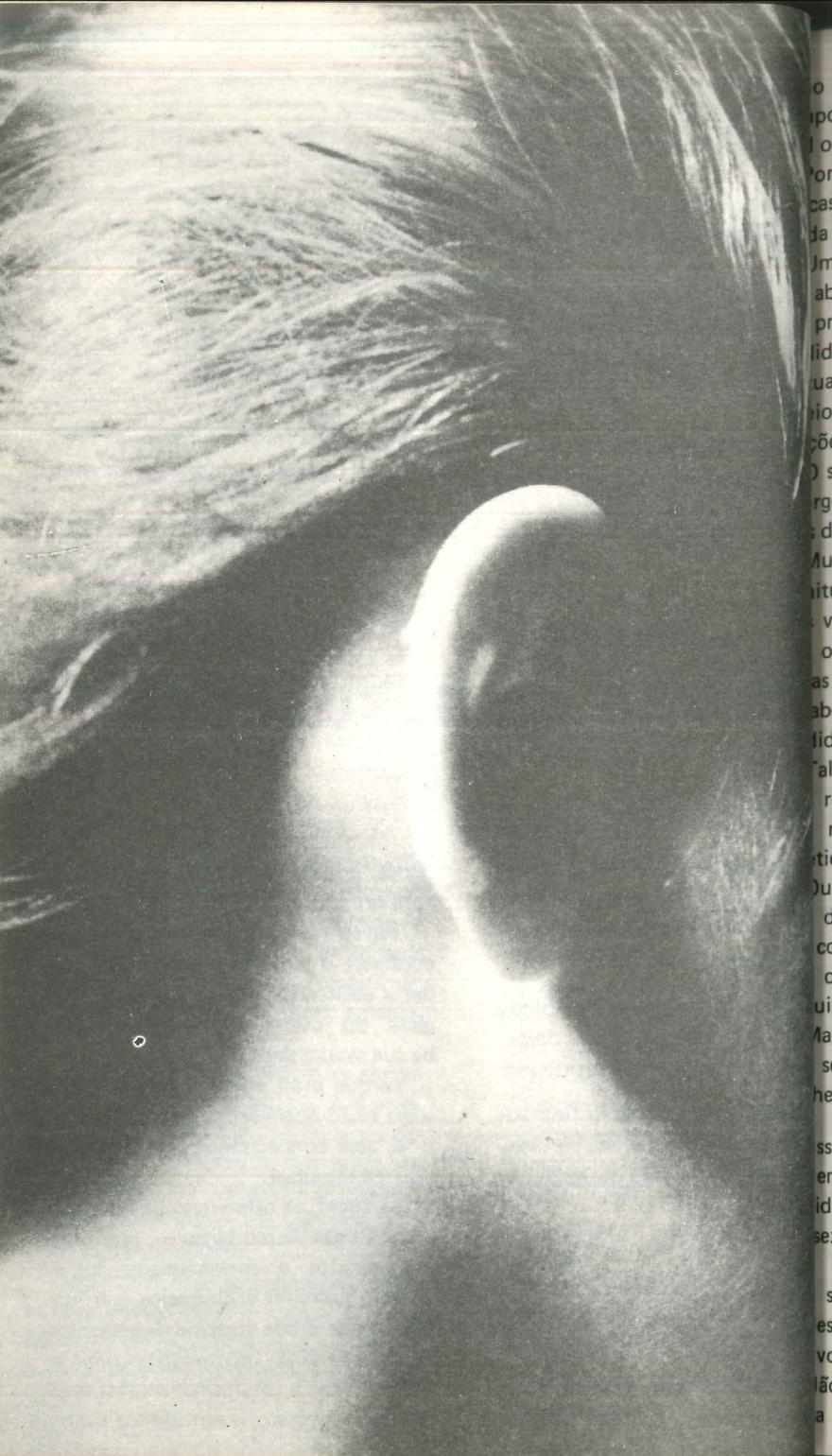
dades, muitas vezes nem identificadas com nitidez.

Talvez nunca tenham chegado a se conhecer o suficiente para compreender e aceitar as peculiaridades psicológicas do outro e as características de sua sexualidade.

Porque estas coisas são muito pessoais e não obedecem a modelos.

E esse conhecimento profundo do outro é essencial.

Às vezes, as diferenças de educação e as cargas hereditárias — com seus preconceitos e condicionamentos — criaram barreiras e bloqueios mais fortes do que a boa vontade de vencê-los. Ou, quem sabe, mentalidades diferentes os levem a interpretar muitas vezes de modo errôneo, o sentido e o simbo-



o dos gestos, das atitudes e dos comportamentos do outro, no ato sexual ou na sua preparação. Por isso, a importância do diálogo entre casal, para expressões mais perfeitas da sexualidade.

Um diálogo tranquilo e descontraído, aberto e sincero, levaria à superação progressiva dessas dificuldades. Na medida em que ambos se revelassem plenamente, com naturalidade, seus medos ou frustrações, alegrias ou desejos.

O silêncio conformista e o mutismo de desencontros sexuais.

Muitos que viveram essa alegria, em alguma fase gratificante de suas vidas, se perguntam hoje, perplexos, o que lhes terá acontecido, tantas as dificuldades que encontram para reabrir a harmonia abalada ou perdida.

Alvez descubram que deixaram que relações amorosas se desgastarem na rotina, pelo cansaço dos gestos rotineiros e pela falta de atenção... Ou por excesso de preocupações e dispersão de suas vidas entre tantos compromissos sociais e profissionais que não souberam dosar ou hierarquizar.

Mas, vamos reconhecer: as pressões que se exercem sobre o homem e a mulher são muito poderosas!

Essas pressões podem condicionar o homem, por exemplo, a viver uma sexualidade empobrecida, que reduz o sexual a uma fria e apressada relação comandada, precipitadamente, simples mecanismo dos sentidos desligada de qualquer conteúdo emocional.

Ela se sentindo envolvida por um amoroso, a esposa

se sente manipulada, reduzida a simples objeto sexual!

E se mantém desinteressada e distante...

Ela, normalmente, não é capaz de viver intensamente a sua sexualidade sem conexão com a sua vida afetiva.

Por isso, espera dele uma prolongada preparação psicológica e espiritual, marcada pela ternura e pelos gestos que exprimem afeto e dedicação. E cujo clímax natural seria a expressão física sexual do amor conjugal.

Estas e tantas outras possibilidades de desencontros, são fruto de pressões e condicionamentos que dificultam a construção de um autêntico encontro de pessoas.

Suas causas devem ser identificadas e analisadas, com humildade, pelos que desejam, sinceramente, manter ou reconstruir o entusiasmo de viver e a alegria de estarem juntos.

E o diálogo é um grande instrumento nesta busca.

QUESTÕES QUE ESTE TEMA PROVOCA

- Que gestos, atitudes e comportamentos concretos facilitam uma vivência mais harmoniosa e construtiva da sexualidade conjugal?
- E os que, ao contrário, criam barreiras e bloqueios?
- O que cabe a cada parte — ele e ela — fazer objetivamente, no quotidiano da vida-a-dois, para que a sexualidade seja sempre e cada vez mais, uma expressão íntegra do amor conjugal?
- Como ajudar outros casais a conquistarem condições para viver toda a riqueza da sexualidade conjugal? — condições espirituais, psicológicas, físicas e materiais.

o segredo dos gestos e das coisas

Uma mesa pode ser apenas uma mesa.

Um simples objeto de madeira.

Podemos medi-la, pesá-la e descrever suas características físicas: a forma, a qualidade do material de que foi feita...

Tudo isto é próprio do objeto-mesa. É imanente.

Mas uma mesa pode ser mais que uma mesa.

Pelo que simboliza, pelo que recorda e evoca, pelo que aponta e promete.

É a sua dimensão transcendente, que ultrapassa a sua imanência, aquilo que pode ser visto e medido no objeto.

Se naquela velha mesa comemoramos as festas da nossa infância e comemos juntos o alimento; se em torno dela sempre reunimos os nossos amigos e celebramos os grandes acontecimentos da nossa vida familiar — então ela já não é uma simples mesa.

64

Se vemos essas coisas a partir da Fé, é um sacramento humano. Se recorda Deus. Tudo é sacramental que evoca a vida, a amizade, a Deus. outros valores humanos, que a floresta, o mar, o gesto de solidariedade simples e útil objeto. Ade, os objetos criados pelo homem, também, o casamento, numa

Quando olhamos essa mesa, — são sinais vivos da presença de mais que o tempo pesado que sobre pés sólidos.

Assim, também, o casamento, numa Recordamos o passado e o de Fé. emergir, dessas recordações, o união do homem e da mulher, dos valores que devemos reviver. Simboliza o amor de Deus por

Então, a mesa é um sinal eficaz, reproduz os sentimentos e é sinal eficaz, pois alimenta e faz valeres que evoca.

Se nos recorda os tempos folguedo, quanto mais maduro e adulto celebração da amizade no nosso amor humano, mais significativo ele do, nos impulsiona a viver mais dessa presença de Deus. samente a mesma amizade no pr

Há sacramentos divinos. Por isso, podemos entender que o santo não é algo mágico, pronto São sinais da presença de Deus, que se agrava à união consigo, nos seres, nos objetos, nos acontecimentos, no dia do casamento. nos gestos simbólicos dos homens

Porque o amor que une o casal, nesse momento, ainda é promessa, projeto, início de um processo longo de amadurecimento, que vai durar toda a vida.

É na vivência humana do amor que se efetivará o sacramento, inaugurado com a solene promessa de doação-aceitação mútuas, na celebração do casamento.

O grau de sacramentalidade acompanha, assim, o crescimento do amor.

É um processo, algo que se constrói e consolida.

Que deve crescer em sua dimensão humana, para crescer em sua dimensão sacramental, dimensões complementares de uma mesma e única realidade.

É, portanto, no quotidiano da vida conjugal, marcado por alegrias e renúncias, avanços e tropeços, sofrimentos e esperança, apoio mútuo e responsa-

libertação pela simplicidade

bilidades efetivamente assumidas pela realização global do bem do outro — que se consolida a sacramentalidade do casamento. Presença definitiva e indispensável de Deus na vida do casal e da família que constitui.

É certamente incômoda a idéia de que o sacramento não seja uma realidade completa e acabada, como um selo aplicado ao casamento, desde os primeiros momentos, sem grandes exigências.

Essa visão introduz um desafio permanente ao casal que deseja viver a dimensão transcendente do seu casamento.

Este desafio supõe um esforço permanente de construção.

E acentua a importância dos gestos simbólicos, da palavra, dos sinais que exprimem e amadurecem o amor conjugal.

66

UM ROTEIRO PARA A REFLEXÃO

- O que podemos fazer, conscientemente, para alimentar o processo de amadurecimento do amor conjugal?
- O que poderá entravar ou facilitar esse processo?
- Como tornar mais nítida essa dimensão sacramental do casamento?
- Que importância costumam ter aos gestos simbólicos, palavras e atitudes que pretendem expressar o amor conjugal? Que exemplos concretos poderíamos citar?
- Como são vividos esses significados em nossas vidas?



A gente vai se deixando envolver sem perceber.

A propaganda é inteligente e sofisticada.

Técnicos e especialistas, psicólogos sociais — e muito dinheiro! — são mobilizados para nos convencer de que a vida não terá nenhuma graça se não comprarmos aquela parafernália de artigos que seus simpáticos fabricantes precisam vender...

E quanto mais inútil ou supérfluo o artigo, mais sofisticada é a propaganda.

Afinal de contas, é preciso criar necessidades falsas e artificiais para que as nossas suadas economias passem para bolsos alheios, engordando os lucros de empresas poderosas.

E o pior é que essas empresas são geralmente internacionais, por serem essas as que mais acreditam no poder da propaganda e dispõem de maiores

67

recursos para investir nessa máquina quase irresistível.

Vejam, por exemplo, a propaganda de cigarros. Como se apela maciçamente para as frustrações de tantos, explorando nossa fragilidade psicológica para criar condicionamentos poderosos que nos escravizam aos seus desígnios!

E aquela espantosa variedade de aparelhos eletro-domésticos, alguns de cômica inutilidade, oferecidos à venda por módicas prestações com juros incrivelmente elevados que ninguém confere...

De repente nos percebemos felizes proprietários de uma diversificada coleção de coisas que enguiçam, cuja manutenção é cara e de utilidade duvidosa, se comparada com as dores de cabeça que provocam.

E nos vemos prisioneiros de encargos financeiros, prestações, consertos, consumo de energia, de combustível e... de paciência!

Será que vale a pena essa capitulação à sociedade do consumo? Ter mais para ser mais: eis o grande equívoco que nos é vendido em bela embalagem de palavras e imagens atraentes.

Seria preciso redescobrir-se o valor da austeridade e da vida simples, como práticas libertadoras.

Quem só tem ou deseja ter o essencial é mais livre que os que se entregaram ou sonham com a busca desenfreada da posse de bens materiais e ao consumismo.

Estes são geralmente obrigados a trabalhar mais que o necessário, com prejuízo para a vida familiar, para sustentar o padrão de consumo que estabeleceram. E vivem mais preocupados com o risco maior de perder coisas que se habituaram a usufruir — e sem os quais se sentiram agora carentes ou frustrados.

Além disso, o consumo exuberante de bens supérfluos configura a situação de injustiça, já que as possibilidades da natureza são limitadas — e já estão se esgotando! Os que mais em demasia estão lesando-se devem contentar com as riquezas que sobram da divisão desigual das riquezas.

E isto sem falar no que isto representa de cumplicidade na predição da natureza, que ameaça o equilíbrio lógico de regiões, de países e de todo o sofrido mundo.

A exaltação do pobre e a condenação do rico, no Evangelho, tem sentido claro que não pode ser obscurecido por ideologizações...

O rico tende realmente a se fixar aos bens materiais e à segurança econômica, que se transformam seu verdadeiro deus. Com raras exceções...

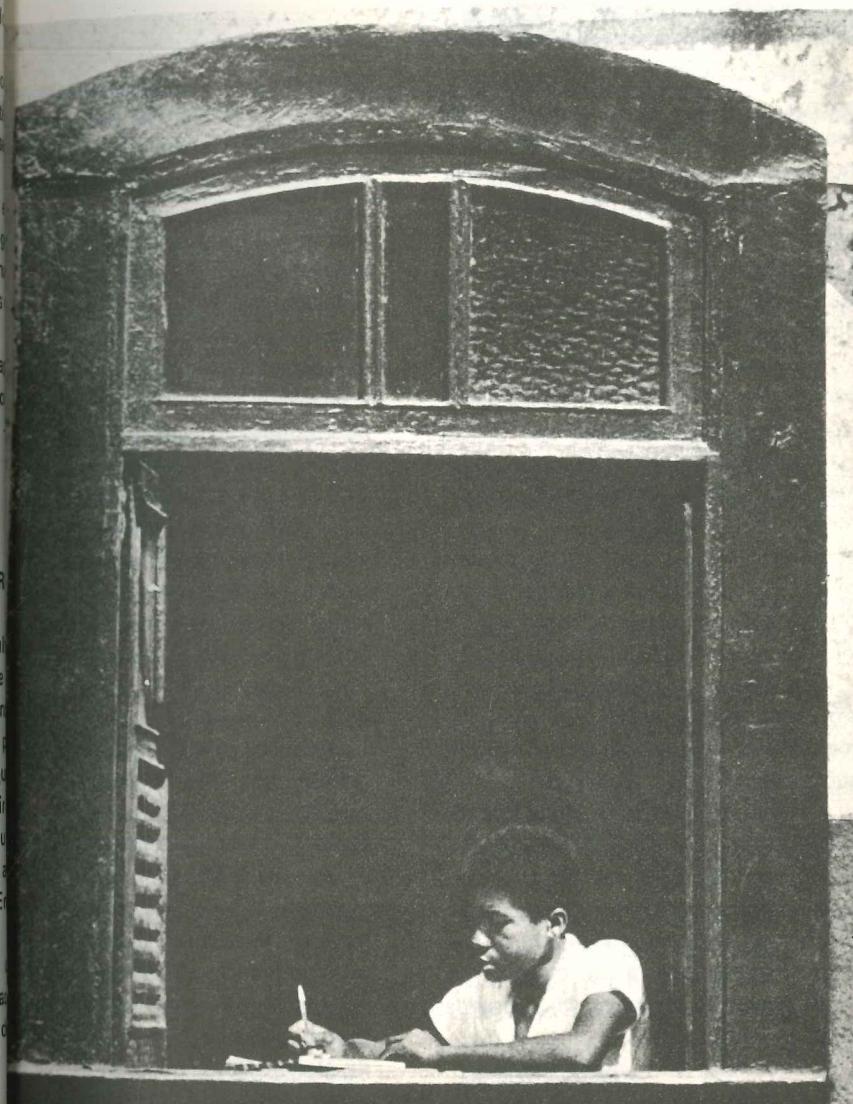
Aquele que se mantém desfasado das coisas — e se as possui, com a serviço efetivo dos outros — vive plenamente a liberdade.

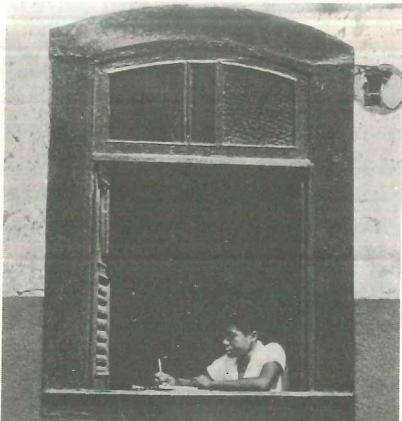
E é claro que isto é bom...

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE ESTE TEMA:

- Até que ponto estaremos ultrapassando um limite razoável entre a posse de bens de consumo? Haverá algum critério claro para avaliar o "razoável" nesta questão?
- Estamos condenados a seguir determinada propaganda? Ouvimos nos defender de seu perigo? Como? Individualmente? Em massa?
- Como repercutem em cada um de nós as frequentes advertências sobre os problemas ecológicos, a degradação acelerada da natureza?

Terceira vida: um desafio





Então Deus disse: "Sede fecundos e povoai a terra". E, no princípio, ser fecundo era isso mesmo. É claro: a terra devia ser povoada porque estava ainda praticamente deserta. E até bem pouco tempo atrás, ter filhos ainda era a única fórmula aceita por toda gente para confirmar a fecundidade de um casal.

Ora, a procriação é, de fato, um aspecto privilegiado dessa fecundidade. Apenas já não é o único.

Já somos capazes de reler o mandamento de Deus e entendê-lo numa dimensão mais abrangente.

Afinal de contas, o mundo mudou muito. Já está razoavelmente povoado. Muitos dos seus recursos naturais vão se escasseando.

E é péssima a distribuição de suas riquezas entre os bilhões de seres humanos que hoje vivem — ou tentam sobreviver.

Por isso, quem tem os olhos abertos e um mínimo de sensibilidade, vê e sabe que um número incalculável de pessoas vivem em condições sub-humanas, de miséria extrema, morrendo de fome, ou condenadas a um baixo nível intelectual e saúde precária, causados por sub-nutrição.

São milhões de homens que não vi-

vem como os homens deviam

E, afinal de contas, cada ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus.

É diante deste quadro que desafios novos ao casal e à família pretendam ser fecundos: não procriar mas criar vida, num ampliado.

Trata-se de ajudar outras a passar de condições menos humanas a condições mais humanas.

Abrir possibilidades para que vivam dessa modalidade exigente viver, como pessoa humana, a serem fecundos.

que apenas vegeta — e que se acha engrossando o imenso continente de crianças e adolescentes, carregando vida já nem se sabe por que.

Aqueles que se dedicam a este de tudo — principalmente de refas de promoção humana. Muitos deles serão talvez os de criando vida para muitos. Serão aqueles que ameaçarão, um dia, a dos, mesmo que não possam garantir a qualidade das famílias que puderam adotar.

Uma das modalidades de procriação... para resguardarem justamente humana que mais se aproxima da tranquilidade.

criação e talvez até a superação. E que não poderão se queixar de breza e generosidade de parte dos do mundo de violência que, por é a adoção de filhos.

Quando se pensa nos milhares destes desafios estariam esvaziando menores abandonados em nossas casas da procriação?

não podemos deixar de pensar que é claro que não! no mesmo número de famílias que hoje se espera dos casais é teriam condições de adotá-los. E que tenham os filhos que sejam capazes de alguma forma responsabilizar de educar, e atender em suas ne-

sorte. E o problema estaria resolvido!

Sonho? Talvez.

Mas se os mais generosos dessem o primeiro passo, em cada bairro, em cada comunidade de vizinhança. . . o exemplo haveria de produzir efeitos preenendentes, mesmo sobre os mais desavisados ao triste problema social.

Mas as pessoas se cercam de medos receios infundados. Ou elaboram complicações justificativas para se esquivarem dessa modalidade exigente

que serem fecundos. E vai engrossando o imenso continente de crianças e adolescentes, carregando vida já nem se sabe por que.

Aqueles que se dedicam a este de tudo — principalmente de refas de promoção humana. Muitos deles serão talvez os de criando vida para muitos. Serão aqueles que ameaçarão, um dia, a dos, mesmo que não possam garantir a qualidade das famílias que puderam adotar.

Uma das modalidades de procriação... para resguardarem justamente humana que mais se aproxima da tranquilidade.

criação e talvez até a superação. E que não poderão se queixar de breza e generosidade de parte dos do mundo de violência que, por é a adoção de filhos.

Quando se pensa nos milhares destes desafios estariam esvaziando menores abandonados em nossas casas da procriação?

não podemos deixar de pensar que é claro que não! no mesmo número de famílias que hoje se espera dos casais é teriam condições de adotá-los. E que tenham os filhos que sejam capazes de alguma forma responsabilizar de educar, e atender em suas ne-

cessidades básicas de modo a permitir-lhes realizarem-se plenamente como pessoas humanas.

Também no exercício da procriação responsável e consciente, defrontam-se a generosidade e a disponibilidade que se esperam dos pais, com o egoísmo e o comodismo, capazes de gerar famílias fechadas e limitadas em sua fecundidade.

PARA UM ENSAIO DE REFLEXÃO

- Que exemplos concretos de fecundidade podemos apontar em famílias que conhecemos?
- Há alguma possibilidade de aumentarmos o grau de fecundidade que vivemos como casal, família, grupo social ou profissional?
- Que dificuldades geralmente se opõem à adoção de filhos? Como poderiam ser removidas?
- Como tem sido entendida a paternidade responsável no meio em que vivemos e em outros grupos sociais? Como difundir critérios mais humanos para uma procriação livre, consciente, responsável e generosa?
- Que posição temos assumido diante das tentativas de implantação de programas de controle da natalidade no nosso país?

escreve o leitor

"Espero que continuem. O artigo do Pe. Dalton me agradou bastante". **Celina Maria Pinto** — Rio de Janeiro.

"Comunicamos, com alegria, o recebimento da revista FATO E RAZÃO, edição especial (...) e formulamos votos de êxito". **D. Miguel Fenelon Câmara**, Arcebispo de Maceió — AL.

"O nº 5 foi muito apreciado e está sendo usado em nossas reuniões de equipes de casais do MFC". **Joaquim e Wanylda**, Cachoeiro de Itapemirim — ES.

"Este número está fora de série. Parabéns a toda a equipe redatora". **José e Inez de Oliveira**, Divinópolis — MG.

"Parabéns pelo excelente trabalho". **Plínio e Nilma Hidalgo**, Goiânia — GO.

"Cada nova edição de FATO E RAZÃO desperta maior interesse entre os casais, pela atualidade dos assuntos desenvolvidos". **Cláudio e Alda Camargo**, Santa Rosa — RS.

"A revista está cada vez mais sensacional". **Pe. Louraldo Soares da Silva**, Campina Grande — PB.
72

Além
do grande valor alimentar,
aquele gostoso sabor de
frutas naturais

"Espero que a revista continue orientação humanizadora, fugindo do tecnicismo e dos esquemas que não levam a muita coisa". **Nino Acanan**, Porto Alegre — RS.

"Mais uma vez, parabéns pelo seu trabalho apresentado". **Aglantina Abreu**, Alagoinhas.

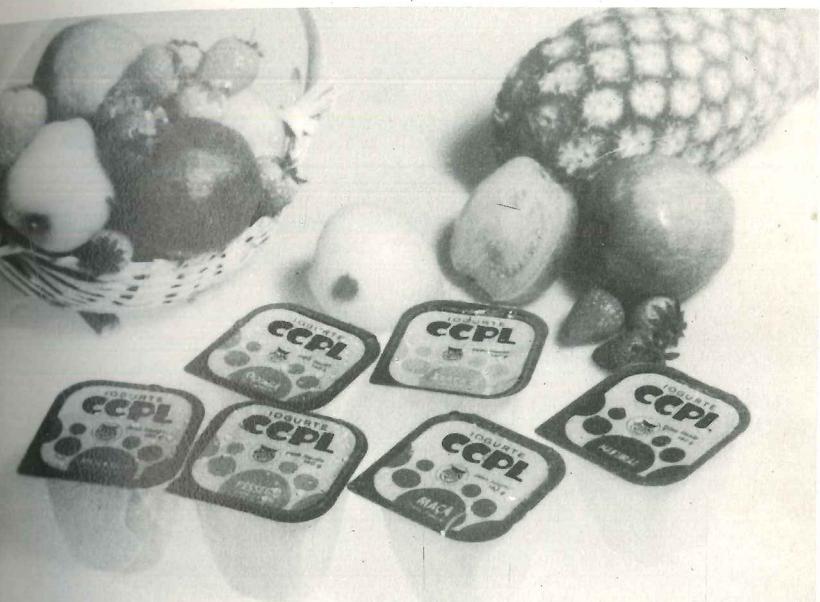
"O nº 3 superou as expectativas. Parabéns ao artigo: O medo das reações, por ser uma questão muito a propósito sobre os problemas que perturbam o relacionamento sexual". **Paulo e Aparecida**, Caetité — MG.

"A revista teve boa aceitação no mundo e Cecy Veiga, Rio de Janeiro — RJ.

"Parabéns pelo trabalho sincero e consciente da equipe redatora". **Carneiro CCPL** reúne todos aqueles interessados que fazem dele um produto caro — PR.

"Em nome de D. Fragoso queremos felicitar pelo feliz desenvolvimento do tema e da apresentação do artigo. Desejamos boa continuação e se isso tudo não bastasse, foram para sempre, com um olhar apreciativo, apresentar temas para reflexão". **Padre de Crateús** — CE.

"Eu me congratulo com vocês, que estão no caminho certo". **Dr. Juraci Zoli**, Curitiba — PR.



UM PRODUTO
CCPL



COOPERATIVA CENTRAL DOS PRODUTORES DE LEITE LTDA.